



Foto de Rodrigo Mesquita

UNE: um Congresso dividido

A União Nacional dos Estudantes realizou no Rio de Janeiro o seu 36º Congresso, em meio a uma acirrada divisão no movimento estudantil. De um lado, os partidários do apoio ao candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves; do outro, os defensores do boicote ao Colégio Eleitoral pregando a continuidade da campanha pelas Diretas Já. Nesta edição, o *Campus* apresenta uma reportagem sobre o Congresso da UNE e analisa as causas da crise por que passa hoje o movimento estudantil aqui na UnB e em todo o Brasil. A reportagem está nas páginas 8 e 9. Na página 2, você encontrará uma análise da cobertura que a grande imprensa deu ao Congresso, além de um artigo sobre a UNE e o movimento estudantil.



**Nobel
para Tutu
apenas
confirma
racismo**

O bispo negro sul-africano, Mpilo Tutu, ganhou o Nobel da Paz de 1984, como reconhecimento à sua luta contra o racismo oficial existente em seu país. Uma duvidosa honraria, só possível pela existência dessa anomalia social, que, de forma mais sutil, pode ser encontrada também no Brasil (Pags. 5 e 7).

MEIO

A imprensa e o congresso da UNE

Marta Rosário

O 36º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) não despertou muito interesse na imprensa brasileira. Dos quatro grandes jornais, — **O Globo**, **O Estado de S. Paulo**, **Jornal do Brasil** e **Folha de S. Paulo** —, apenas os dois últimos cobriram o encontro.

Sintomático é o fato de o congresso, realizado no Rio de Janeiro com a presença de cerca de 5 mil estudantes (3500 delegados), não ter merecido cobertura do carioca **O Globo**. Como também sintomático é o fato de que a mais ampla cobertura ter sido feita pela **Folha**, paulista, através de sua sucursal no Rio.

A não cobertura do encontro pelo **O Globo** e **O Estado de S. Paulo** demonstra o desinteresse dos dois diários pelas manifestações estudantis, especialmente quando através de suas entidades. Seja por conservadorismo ou por ainda considerar que reuniões de estudantes significa baderna com subversão, os diários omitem a existência do fato (o congresso) como forma de neutralizar ou, pelo menos, minimizar sua existência.

Já a **Folha**, reafirmando sua posição de jornal "liberal" e basicamente "de opinião", interessada em todas as manifestações da sociedade civil, acompanhou o

desenrolar do congresso, desde sua preparação. O principal assunto debatido no encontro, a sucessão presidencial, foi a tônica das matérias, com títulos como "Sucessão polariza o Congresso da UNE" (dia 27) e "Colégio Eleitoral, o principal tema do 36º Congresso da UNE" (dia 28).

As divergências entre as pelo menos onze facções políticas que se agrupam em duas chapas, "Viração" (continuista, pró-Tancredo) e "Caminhando" (pelo boicote ao Colégio Eleitoral), foram retratadas pelo jornal. A falta de discussão de problemas diretamente ligados à universidade, como os minados 4,8% do orçamento federal a ela destinados, a postura da ministra da Educação, o desconhecimento da realização do Congresso por parte da maioria do estudantado etc, foram comentados criticamente pelo jornal.

Já o **Jornal do Brasil**, não deixando de lado o tema da sucessão presidencial, deu ênfase ao clima exótico do encontro, as acomodações precárias, os "slongas" das tendências, enfatizando as divergências e até brigas entre os estudantes.

Quanto ao resultado do congresso, a eleição de Renildo Calheiros da "Viração" e o conse-

quente apoio da entidade a Tancredo, teve espaço em todos os quatro grandes, com destaque n **Folha** e **JB** e pequenas notas nos dois outros.

Nota-se um certo desinteresse dos meios de comunicação em geral pelas manifestações estudantis, especificamente pela UNE. As emissoras de rádio e TV, como era de se esperar, não se manifestaram sobre o assunto. Das revistas semanais, apenas a "Afinal" (editora C) comentou em tom irônico o zelo do governo Brizola pelos estudantes.

Esse desinteresse, além dos motivos "pessoais" de cada órgão, tem suas origens nos vinte anos de repressão por que passou o país, quando foram sufocadas todas as manifestações de entidades da sociedade civil. A maioria delas, entre as quais a União Nacional dos Estudantes, tenta agora se reestruturar.

No caso da UNE, não houve uma atualização da linguagem e mesmo dos objetivos da entidade. Daí sua falta de express-ao e representatividade, perda e divida em facções e dissidências de facções, cada vez mais afastada dos estudantes e seus problemas. O que, porém, não justifica a omissão dos Meios de Comunicação.

E SPAÇO

A UNE, seus dogmas e chavões

Silvana de Freitas

Os congressos estudantis não têm refletido as aspirações dos estudantes, mas tão somente a disputa existente entre as várias correntes de esquerda que o compõem, com todos seus dogmas e chavões. Um exemplo de quanto estão descaracterizados os encontros e entidades estudantis foi o Congresso da UNE, realizado no final de outubro. Nem a perspectiva de mudança de Governo foi motivo suficiente para que se discutisse um novo projeto para as universidades. A polarização dos debates em torno do apoio da entidade à candidatura Tancredo Neves à presidência da República ou ao boicote ao Colégio Eleitoral foi inevitável.

O estereótipo do tradicional militante do movimento estudantil é cada vez mais ridicularizado. A estrutura "caduca" de organização das entidades e o discurso defasado de nossa realidade também muito questionados. Sem precisar fazer referência ao ranço contra as esquerdas criado pelo sistema político do país, estas críticas surgem, em parte, da incoerência da transferência automática de comportamento das esquerdas para os estudantes. As esquerdas representam, na verdade, apenas uma pequena parcela de todo estudante das universidades.

O ritual de realização anual deste congresso — sempre no

segundo semestre — não consta dos calendários oficiais da UnB, mas já faz parte do "folclore" da universidade. Os estudantes em geral parecem assistir a este ritual com grande indiferença. Se por um lado as discussões não são motivadoras, por outro, grande parcela das pessoas que passam pela universidade estão realmente só de passagem em busca de seus diplomas — não se interessando por nenhuma discussão.

O que me parece peculiar é o aumento do número de estudantes que céticos em relação ao movimento estudantil, manifestam disposição em discutir a universidade e a sociedade nos vários aspectos, mas sem a condução formal e rígida que se observa frequentemente nas atividades do movimento estudantil.

Ainda em número reduzido, estas pessoas, em grande parte, tiveram uma rápida atuação no ME. Hoje, não acreditam na eficácia de sua estrutura e procuram a interação entre uma participação político-cultural e suas aspirações existenciais (o que para o militante ortodoxo é muito difícil, senão impossível, já que o "dever revolucionário" acaba por exigir o abandono da preocupação com sua vida). A própria crise do movimento está gerando elementos de mudança que, de forma desorganizada e espontânea, prometem algum resultado.



Rede Globo executa bem seu papel desinformativo

Um grupo para lutar contra o racismo

O "Grupo de Estudo Afro-Brasileiro — NEAB-UnB", criado em junho, é um grupo de estudantes negros da Universidade de Brasília que, além de estudar aspectos da cultura afro-brasileira, propõe-se a interferir diretamente no comportamento racista, denunciando e combatendo práticas discriminatórias, implícitas e explícitas, responsáveis pela marginalização do negro brasileiro. Ao negro uenebeano deixamos o seguinte lembrete: se você conseguiu driblar a discriminação e chegar até a Universidade, se continuar nesse marasmo, é possível que tenha que engavetar seu precioso diploma. Se você ainda resiste em assumir que é discriminado, é porque conseguiram mesmo amolecer seu cérebro. Parabéns marionete! (NEAB-UnB)

Curioso como a Rede Globo encerra a recapitulação dos 15 anos do **Jornal Nacional** vangloriando-se da sua potencialidade informativa, que de informação tem muito pouco. Senão vejamos. Existe atualmente uma campanha internacional em defesa da vida do jovem militante sul-africano Malisela Benjamin Molise, e um grupo de jovens brasileiros (de 1ª e 2ª graus) da Escola Dom Duarte Leopoldo, de São Paulo, enviou uma carta às autoridades de Pretória exigindo a suspensão da pena de morte. Na Nicarágua está-se desenvolvendo um projeto de comunicação que elimina, dentre outros, a comercialização da mulher como objeto sexual. Na Bolívia foi inaugurada a Cadeia de Rádio Sindical e Popular como propriedade coletiva dos trabalhadores que servirá para alfabetização e elevação do nível cultural destes. O pequeno Zim-

babwe declara-se país socialista e a Nova Zelândia proíbe a entrada de mísseis americanos em seu território. No Nordeste, a Igreja desenvolve um trabalho importantíssimo através das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e prega transformações sociais profundas para a resolução dos problemas da seca. A Globo, por sua vez, quando não omite estes fatos, os trata de maneira superficial, porque isso é coisa de "comunista" ou porque fere seus interesses de meio de comunicação social privado. Enquanto isso, concede dois minutos para o novo bebê de Lady Di e mostra quase diariamente o "Confinadíssimo" Sakharov falando pelo telefone com todo mundo. (Alguém já viu algum preso político do general Pinochet falando na televisão?)

(Andrea Cerqueira)

Infeizmente, escrever sobre o movimento político na UnB tem sido muito difícil. Não porque o assunto seja demasiado complexo ou porque faltem repórteres e disposição. Tampouco porque nosso jornal-laboratório tenha uma postura que dificulte esta cobertura. Mas porque não existe mobilização. Temos um DCE desarticulado e omissos, se é que temos um DCE. O estatuto da ADUnB estabelece eleições para os dias 21 e 22 de novembro. Cadê a articulação em torno de nomes ou chapas. Ficou para amanhã? Nosso dever é divulgar temas que interessam à comunidade universitária, mas para que sejamos coerentes nesta tarefa é necessário que existam manifestações legítimas. Chega de ficar correndo atrás do que não existe. (Otávio Veríssimo)

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Professores responsáveis: Arcelina Helena, Carlos Augusto Setti e Murilo César Ramos (**Edição e Texto**); Luiza Venturelli (**Fotografia**); e Maria Rita Leal (**Diagramação**).

Editores: Carlos Alberto de Carvalho, Josué Benitz, Marina Maria Martins e Silvana de Freitas (**UnB**); Dercio Rodrigues, Marta Rosário e Rodrigo Fonseca (**Comunidade**); Carlos Penna Brescianini e Thais Bastos (**Nacional**); Carlos Alberto de Almeida e Denis e de R o u r e (**Internacional**); Benedito Eustáquio de Araújo, Jair Barbosa Jr. e Wilza Toscano de Almeida (**Cultura**); e Ana Cristina Braz Dias, Ana Cristina Samaio Alves, Márcio Araújo e Ma-

ria Dinalva Ferreira (**Ciência**)

Redação: Ana Cristina Marques Batista, Andréa Chagas Cerqueira, Armando Luiz Abreu Sá Fortes, Ana Teresa Vieira, Cátia de Abreu e Souza, Cláudio Roberto Brandt, Carmem Cerqueira, Carmem Kozak Simaan, Edna Maria Cristina Santos, José Murilo Milhomem de Souza, Kátia Vieira dos Santos, Luciano Dantas Suassuna, Maria Lúcia Sigmaringa, Milton Cintra, Mônica Villa da Costa Ferreira, Otávio Veríssimo Sobrinho, Rosane Ferreira Carneiro e Wilfrida Mollendorff Natali.

Fotografia: Fernando de Freitas e Kátia Turra.

Laboratorista: Jeová Xangô

Ilustrações: Edson Fogaça, Renato Palet e Nethio Benquela.

Foto de Katia Turra



Mais de quinhentos quilos de alimentos são feitos no BANDEJÃO, desde as primeiras horas do dia

Repetição pode acabar no Bandejão da UnB

Desde o ano passado, em comum acordo com o DCE e DAC, foi firmado o direito à repetição de alimentos no restaurante por todos os seus usuários. O objetivo era fazer com que houvesse menos desperdício de alimentos e a opção por quantidade e espécie de comida. Contudo, as refeições servidas normalmente, possuem um determinado número de calorias, em torno de 1.200 a 1.300, com nível proteico entre 80% e 90% do desejado, não alterando hábitos alimentares, isto é, o mesmo tipo de comida que as pessoas estão acostumadas a consumir. Com a repetição, vem ocorrendo o consumo exagerado de carne e leite, o que para o usuário pode tornar-se prejudicial à saúde, não significando uma melhora no nível alimentar. Conforme informações do DAC, a repetição vem facilitando certos tipos de abusos, desperdício de alimentos e a retirada destes em marmitas.

A reportagem do Campus procurou saber se há algum trabalho de conscientização dos usuários referentes aos problemas acima citados.

Segundo D^a Nancy de Pilla, Diretora do DAC, algumas tentativas foram feitas, com bons resultados, mas acredita que as soluções devem partir dos próprios usuários.

Perguntada se a repetição poderia acabar, afirmou que não, pois esta decisão deverá ser discutida entre o DCE e o Decano de Assuntos Comunitários. Mas alerta que do modo como está sendo a repetição ele é prejudicial, porque são levadas diariamente 70 (setenta) marmitas e, o que é pior, acompanhadas de talheres.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1970, o Bandejão localizava-se perto da Faculdade de Saúde, onde hoje é a entrada para a Universidade. Nesta época, administrado pela rede de hotelaria do Brasília Palace Hotel, era notada a insatisfação dos usuários quanto à refeição e ao atendimento, assim como a deficiência de suas instalações.

Em 1971, teve início o estudo de viabilidade para que a própria

Universidade administrasse o Bandejão. Feito, foi apresentado à Reitoria, sendo aprovado. Desde então começou a ser administrado pela UnB.

Várias reformas foram efetuadas, com adaptações bastante precárias dificultando o trabalho. Equipamentos novos foram instalados, aumentando o número de empregados, mas os problemas ainda continuavam.

Começou-se a pensar em novas instalações, que atingissem todos os objetivos. Vários projetos foram apresentados e o que atendeu por completo às necessidades foi o do Professor José Galbinski, do Departamento de Urbanismo da UnB, com a participação de outros arquitetos.

O projeto foi cuidadosamente estudado e pensado a fim de proporcionar aos usuários do Bandede

A qualidade da comida é questionada por usuário do BANDEJÃO

jão o máximo de conforto com um melhor serviço das refeições. Para evitar o excesso de barulho também foi planejado um local adequado para os usuários ficarem após as refeições. Mas hoje é sentida a falta de salas de lazer, como jogos, televisão e outros. Há informações de que já existe um projeto elaborado para a construção do CENTRO DE VIVÊNCIA, o qual abrigará o DCE, a ASFUB, salas de exposição e de lazer.

QUALIDADE DOS ALIMENTOS

Em entrevista concedida ao Campus, D^a Nancy de Pilla, Diretora de Assuntos Comunitários, considera que a comida servida no Bandejão é de muito bom padrão, justificando que os alimentos comprados são de primeira qualidade. Como exemplo, explica que se o arroz não fosse de boa

qualidade, os grãos de baixo dos 60 quilos que comporta cada panela, não cozinariam perfeitamente.

Mas a opinião de alguns usuários é diferente, afirmando que a qualidade dos gêneros alimentícios usados na comida vem decaindo a cada dia e não sabem porque. O aluno Marcos Vinicius, do Departamento de Biologia, discorda da combinação alimentar, quando, por exemplo, serve-se melancia com leite. Outros reclamam da comida por ser ela muito pesada e de difícil digestão, preferindo que no jantar fosse servido um lanche reforçado.

OS CUSTOS DA ALIMENTAÇÃO

Este ano serão gastos um bilhão de cruzeiros só para a compra de gêneros alimentícios. O Mⁱⁿistério da Educação e Cultura destinou a verba anual de 66 milhões para subsidiar a alimentação do Bandejão, significando apenas 6% do total gasto.

A preço de hoje cada refeição servida, custa aos cofres da UnB, Cr\$ 3.000,00. O total arrecadado com a compra dos tickets, significa 20 (vinte) por cento do preço de cada refeição, isto é Cr\$ 600.

MENOS REFEIÇÕES

Atualmente são servidas em média 3.000 (três mil) refeições no almoço e mil refeições no jantar. Mas essa média vem caindo dia-a-dia, ano-a-ano, como podemos comprovar por dados fornecidos pelo Bandejão. Em 1975, foram servidas 830 mil refeições, em 76 828 mil, em 77 832 mil, em 78 734 mil, 769 mil em 79, em 80 816 mil, em 81 893 mil, 704 mil em 82, em 83 676 mil e para 1984 prevê-se que fique em torno de 650 a 700 mil refeições. Esta diminuição considerável de refeições servidas no Bandejão, é analisada pelo chefe do Serviço do Restaurante Universitário, Sr. Anecy Arantes do Nascimento, que considera como causa principal os seguidos reajustes ocorridos nos preços das refeições, pois antes elas eram corrigidas ano-a-ano e, hoje, semestralmente. Porém, há quem diga que não é só este o motivo. Alguns usuários afirmam que é pela qualidade da comida. **ARMANDO SA FORTES**

Eleição da ADUnB, mais uma etapa na democratização da Universidade

“Uma coisa é certa: a forma mais drástica de continuismo está contida. Qualquer reitor que venha a assumir esta Universidade vai encontrá-la em outras condições, tanto interna quanto externamente. Neste sentido é que eu não considero derrota o fato de não termos conseguido passar toda a lista feita pela comunidade universitária”. Com esta afirmação o professor Sadi Dal Rosso, vice-presidente da ADUnB, resume, numa tentativa de avaliação, a participação da atual diretoria.

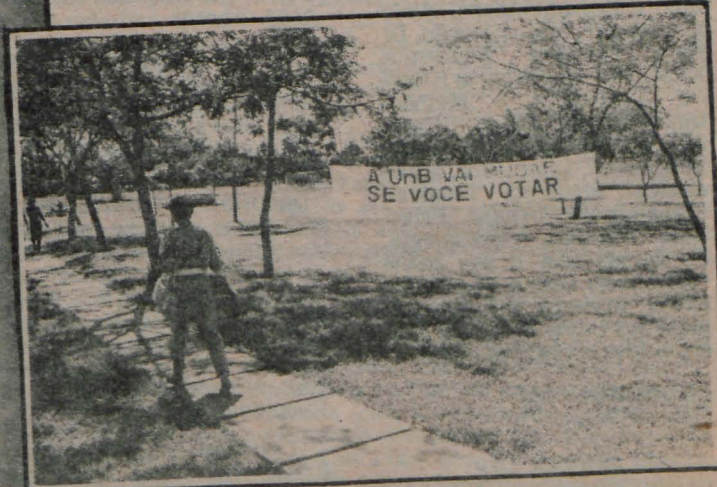
“Em síntese, a principal luta de nossa gestão foi no sentido de abrir as perspectivas de democratização da Universidade. A comunidade se manifestou, participou e os mecanismos institucionais recobram nova vida. Sem dúvida, no decorrer dessa luta nós conseguimos fatos extremamente importantes, como, por exemplo, redescobrir o papel das congregações de carreira na estrutura da UnB”. Ainda segundo o professor Sadi, as congregações de carreira tiveram papel fundamental nos meses de junho e julho (período de greve) assegurando a expressão do professorado. “Foi através das congregações de carreira que evitamos a chamada reprovação em massa e asseguramos a reposição de aulas”.

ELEIÇÕES

Essa avaliação faz parte do processo sucessório no qual está envolvida a ADUnB. Com eleições marcadas para os dias 21 e 22 próximos onde se escolherá sua nova diretoria para uma gestão de dois anos, a ADUnB, bem como o DCE, parece não estar convivendo no mesmo clima político-efervescente que envolve todo o país. As articulações em torno de nomes e chapas ainda caminham acanhadamente quando, devido a proximidade da eleição, natural que emergissem espontaneamente, possibilitando a dinamização do processo de escolha.

De qualquer maneira, a expectativa da atual diretoria é que o movimento pela representatividade da Associação ganhe uma dimensão maior. Contudo, a maior ou menor oxigenação na atuação da ADUnB está necessariamente ligada ao processo político que envolve o país e que definirá os destinos da Universidade de Brasília. Resta esperar que aconteçam boas novas. **(Marina Maria e Otávio Veríssimo)**

Foto de Nicolau El Moor



Somente os votos podem assegurar a democratização

SERVIÇOS

CALENDARIO

O próximo feriado será dia 15 de novembro, quando se comemora a Proclamação da República. A prova final de internos da FHDF, ingressos no 1º/84, tem inscrição de 26 a 30/11/84. A divulgação da lista de prováveis formandos pelos departamentos se dará dia 30/11.

CURSOS:

Extensão: "Tecnologia de Soldagem", pelo Departamento de Engenharia Mecânica. Será no auditório da Faculdade de Tecnologia, de 26 a 30 de novembro, sempre às 19 horas. Inscrições: 50 mil para sócio da ABS; estudante sócio: 20 mil; estudante não sócio: 20 mil. Será dado diploma para frequência superior a 80%.

"Pesquisa Educacional na pré-escola: análise crítica", pelo Departamento de Métodos e Técnicas, na sala 47 FE3. De 10 a 14/11, das 14 às 18 horas. São 25 vagas destinadas a professores, alunos e técnicos em educação que atuem na área da pré-escola. Inscrições no DAA-UnB ao preço de 2.690 estudante e 5.380 outros.

"Cenografia", pelo Departamento de Desenho será ministrado de 19 a 28/11.

"Radiologia Odontológica" pelo Departamento de Medicina Especializada. NO período de 16/11 a 16/01/85.

"Estudos de Problemas Brasileiros I", pelo Departamento de Geografia e História. Em novembro, dias 5, 7, 8, 12, 19, 20, 21, 22, 23 e 26. Em dezembro, dias 4, 5, 6, 7, e 10.

"Irrigação e Drenagem e I Encontro para aproveitamento de Recursos Hídricos na Bacia do Rio São Francisco", pelo Departamento de Agronomia. Será dado de 19/11 a 06/12. Destinado a formação com projeto voltado para área de irrigação. Taxa 10 mil.

POS-GRADUAÇÃO:

A Universidade de Brasília comunica que está oferecendo curso de Pós-Graduação em dois níveis: Doutorado em Antropologia e Matemática, e Mestrado, em Administração, Antropologia, Biblioteconomia, e Documentação, Biologia Celular, Comunicação, Direito, Ecologia, Economia, Educação, Engenharia Elétrica, Estatística e Métodos Quantitativos, Física, Fitopatologia, Geologia, História, Linguística, Literatura, Matemática, Medicina Tropical, Planejamento Urbano, Psicologia, Química e Sociologia. Os cursos têm o seu início coincidindo com o 1º período letivo. Maiores informações junto aos Departamentos com os coordenadores dos cursos.

CONFERENCIAS/PALESTRAS:

"Geologia do Pré-Cambriano do Rio Grande do Sul" pelo Departamento de Geologia. É destinada a pro-

fessores e alunos e será no dia 19 de novembro, às 9 horas, e ministrada pelo professor Hardy Jost.

"O Vale do Dinossauo na Paraíba", coordenado pela professora Maria Helena Ribeiro. Será no dia 28/11 das 20 às 22 horas. Informações no Departamento de Geologia.

"Linguística e Filosofia", no Auditório da Reitoria dia 21/11, das 10 às 12, e das 16 às 18 horas. Inscrições a partir do dia 17/11, no Departamento de Letras e Linguística.

"A Economia Chinesa hoje, suas implicações urbanas e regionais" pelo professor Manuel M. Formiga (E-CO/UnB/CNPq). Palestra promovida pelo curso de Mestrado em Planejamento Urbano e será dada dia 19/11 às 8:30 horas, local: LEAU.

ESTAGIOS:

O Mercado de Trabalho-UnB informa que estão sendo oferecidas vagas de estagiários a alunos dos seguintes cursos: Agronomia, na SEMA (1). Arquitetura, FAE (1). SERPRO (1). Biblioteconomia, na CEME (1). Min. do Trabalho (1). Eletronorte (2). INAN (1). IPEA (8). SESC (1). Medicina, no SESC (3). Ciências Contábeis, na FAE (1). Desenho, Artes Cênicas (1). Artes Plásticas (2) no SESC. Direito, na SEMA (1). Economia, no IPEA (11). FAE (1). Educação Física, no SESC (8). Estatística, na FAE (1). no SERPRO (1). Nutrição, no SESC (2). INAN (1). Engenharia Elétrica (telecomunicações), IEL (4). Telebrasil (4). Música, no SESC (1). Psicologia, na FAE (1). SESC (1). Processamento de Dados, na Telebrasil (3). FAE (4). Química, na SEMA (1). Serviço Social, na FAE (1). no SESC (2).

INFORMES:

Estarão sendo realizados os Jogos Internos da UnB, de 7 de novembro a 8/12. Inscrições no seu C.A. até 31/10. Modalidades: natação, ciclismo, ping-pong, futebol de campo, de salão, tênis, Handebol, judô, volei, atletismo, pólo-aquático, esgrima.

No Auditório de Música se realiza todas as quintas-feiras o concerto Semanal da UnB, às 10:30 horas.

O Coral da UnB promoverá a Semana da Serenata de Natal de 12 a 19 de novembro. Haverá Shows e Expo. A comissão organizadora se reúne às quartas-feiras às 12:30 horas.

Análise da Universidade Brasileira atual. Se você é um dos participantes da Amostra do Programa de Avaliação da Reforma Universitária, colabore com as informações que estão sendo solicitadas através da equipe de pesquisadores da UnB. Maiores informações na Faculdade de Educação.

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros/UnB promove suas reuniões todas as sextas-feiras às 12:30 horas, atrás do Departamento de Desenho.

INFORMÁTICA

Microcomputadores estarão nos Departamentos até final de 85

Cada um dos Departamentos, Institutos e Faculdades da Universidade de Brasília deverá ter até o final do próximo ano, um terminal de computador para agilizar seus serviços administrativos e acadêmicos. É o que prevê o II Plano Diretor de Informática da UnB, que será implantado a partir de fevereiro de 1985.

Segundo o Diretor do Centro de Processamento de Dados Guilherme José Pascual Monton, o II Plano Diretor que está sendo elaborado atualmente, é um instrumento de planejamento da Universidade, em termos de informática, para os próximos três anos. A iniciativa da elaboração do II P.D.I. partiu da Administração da Universidade, porque há dois anos vários Departamentos vem solicitando ao CPD e à Reitoria a aquisição de terminais e microcomputadores.

Como muitos Departamentos conseguiram equipamentos através de doações ou por outros meios, a UnB não possui hoje uma avaliação concreta da utilização dos computadores, nem das suas necessidades nos Departamentos. Este levantamento está sendo feito por duas vertentes: a primeira procura saber o que já existe na UnB e a segunda procura fazer uma previsão do que se vai precisar nos próximos três anos, em termos de informática.

MEC

Para o Ministério da Educação e Cultura e para a Secretaria Especial de Informática, segundo o professor Pascual, o PDI serve à avaliação do desenvolvimento dos softwares das Universidades, cadastra cadastrando-os e utilizando-os em outras organizações, favorecendo, assim, o software nacional porque a grande maioria dos pacotes (softwares) para pesquisa vem do exterior.

Internamente, o CPD também se inclui no PDI já que a ligação dos terminais dos Departamentos ao computador principal, o Burroughs 6700, exigirá uma capacidade de memória muito maior que a existente hoje. Dessa forma, a capacidade atual de 2.8 M Bytes (2,8 milhões de caracte-

OLHA SÓ QUE PRESENTÃO
PRA NOSSA SEÇÃO, MARIA!!
ESSE COMPUTADOR VAI FAZER
QUASE TODO NOSSO SERVIÇO!!!!



res) passará em 1985 para 6.4 M Bytes; a capacidade de memória em disco passará de 700 M Bytes para 1400 M Bytes no mesmo período; e o número de linhas de teleprocessamento (16 atualmente) vai duplicar, graças ao desenvolvimento de tecnologia própria feito pela Área de Equipamentos do CPD. No caso das linhas de teleprocessamento, o CPD desenvolve um "cluster" (multiplexador de linhas) que vai permitir a instalação dos 33 terminais que deverão ser ligados ao computador central no próximo ano. As atuais 16 linhas são ocupadas pelos 35 terminais já instalados (Biblioteca, Civil, Estatística, Matemática e outros Departamentos).

COMISSÃO

Tudo isto acontecerá para que até o final de 85 sejam atendidas a demanda do uso de

computador pelos Departamentos e as aplicações de uso acadêmico via teleprocessamento, ou seja, operações "on-line" — onde há uma resposta imediata do computador. Assim, deverá ser criada, em breve, uma comissão de informática para acompanhar o desenvolvimento do P.D.I.

Finalmente, sobre o P.D.I., o professor Pascual diz que apesar das consultas estarem evoluídas, os Departamentos custam a acreditar na possibilidade de um trabalho sério. Ele avisa: "O levantamento não vai dar o que os Departamentos querem; isto vai ser feito com os recursos disponíveis e de acordo com as necessidades reais que surgirem". Na Reitoria, o superintendente-executivo, coronel Lyster Figueiredo, afirma que os recursos destinados ao P.D.I só serão definidos após o levantamento. (Luciano Suassuna).

CONGRESSO

Engenharia Civil discute seus problemas e procura soluções

O Departamento de Engenharia Civil parou nos dias 23 e 24 de outubro para que fosse realizado o "I Congresso do Departamento de Engenharia Civil da UnB", numa tentativa de discutir e avaliar as condições da Civil e, também, propor metas que deverão ser atingidas pelo Departamento. Segundo o professor Antônio Raimundo Coimbra, recém-empossado chefe do Departamento, o congresso foi feito para que professores, alunos e funcionários pudessem sentar, avaliar e propor soluções para os problemas da Civil.

Para justificar a necessidade do congresso, o professor Coimbra cita um problema concreto: dos 264 créditos do curso, 251 são obrigatórios, e destes, 51% são cursados fora do Departamento. Portanto, os alunos quase não fazem matérias optativas e têm mais da metade do curso fora da civil. Mas, são muitos os problemas e é por isso que o congresso procurou ser bastante abrangente, discutindo três temas: o curso de graduação, a pesquisa, extensão e pós-graduação e a estrutura administrativa e de apoio.

Iniciativa

A iniciativa partiu da Chefia do Departamento que, segundo o professor Coimbra, pode se comportar de duas formas: burocraticamente, assinando papéis, ou procurando sentir e debater as dificuldades que a civil tem. Assim, a idéia é colocar em prática, na medida do possível, todas as soluções aprovadas no congresso. Finalmente, o professor lamenta o grande número de alunos que faltaram mas diz que a presença foi satisfatória e a participação, dos que compareceram, excelente. (Luciano Suassuna).

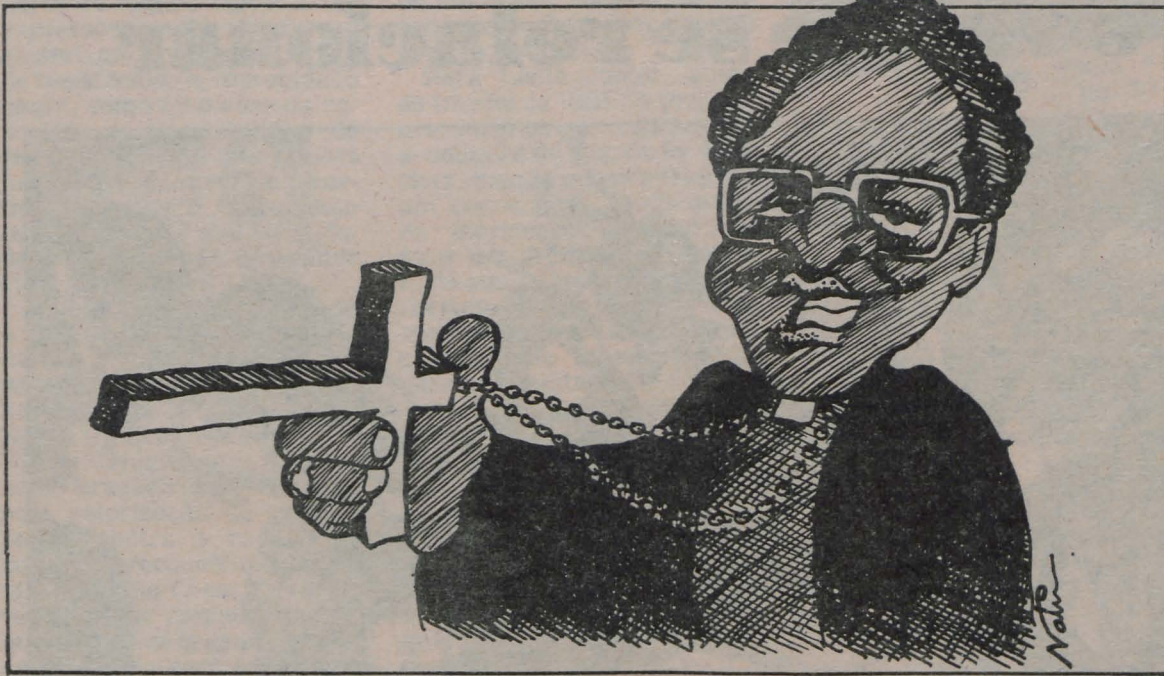
NOBEL DA PAZ

Tutu, Boff e a opressão

"A consagração internacional do bispo negro sul-africano, Desmond Mpilo Tutu, como Prêmio Nobel da Paz, fortalece a luta dos oprimidos, e há um reconhecimento mundial da dignidade desse empenho, da verdade e da urgência da necessidade da igualdade e da fraternidade entre todos os homens". A afirmação é do Frei Leonardo Boff, segundo o qual, o fato de Tutu ter se notabilizado pelo seu compromisso com a libertação da população negra na África do Sul (cerca de 2/3 de negros dominados pela pequena elite branca) e por isso ter sido indicado para Nobel da Paz, vem reforçar a Teologia da Libertação e todos os movimentos de libertação dos povos oprimidos.

Para Leonardo Boff, o compromisso do bispo sul-africano com a libertação provém da sua fé cristã, "o que mostra que esta não apenas legítima situações estabelecidas, mas a fé pode ser uma esperança e um fator de libertação do povo, fator esse que pode provocar a perseguição e maldição, como está ocorrendo com Tutu". Ele considera altamente positivo que uma pessoa religiosa, como anteriormente também Perez Esquivel, assuma liderança mundial na luta pela paz, contra as opressões.

Todas as lutas de religiosos da América Latina e do mundo em favor dos oprimidos, e agora a escolha de um bispo negro, comprometido com a Libertação, para um prêmio desta repercussão, demonstra na opinião de Boff, que "o cristianismo tem dentro de si uma profunda semente libertária, para além das instituições religiosas que normalmente enquadram a força libertadora do Evangelho".



Humildade, orgulho e tristeza

"Sinto-me humilde, orgulhoso, estimulado e triste. Uma de minhas maiores tristezas é saber que muitos em minha terra não festejam este prêmio, uma honra para o país" declarou o Bispo Anglicano Desmond Mpilo Tutu (África do Sul), após ser informado de sua nomeação para o Prêmio Nobel da Paz de 1984.

O Bispo Tutu, com 53 anos, casado, pai de quatro filhos, é presidente do Conselho de Igrejas da África do Sul e um líder na luta pela abolição do sistema de discriminação racial do "apartheid". Tutu prega suas idéias sem incitar à violência e aspira o fim da discriminação racial, defende o direito de voto dos negros

(que representam 70% da população sul-africana) e acusa o regime governamental de seu país que dirigido pelos brancos (que representam 18 por cento da população). Apesar das pressões a que é submetido e as constantes ameaças de prisão e expulsão, jamais silenciou seus protestos.

PREMIAÇÃO

A premiação do principal líder anti-racista sul-africano, entre 89 candidatos indicados ao Comitê Nobel do Parlamento Norueguês, sem dúvida, obedece às características determinadas em testamento por Alfred Nobel: "O premiado deve ter contribuído claramente para a causa da

paz". Tutu busca solucionar pacificamente as questões raciais que predominam na África do Sul. E uma de suas maiores aspirações é que, em um futuro breve, a África do Sul seja um "Estado Unitário, não racial e com um primeiro-ministro negro".

Na opinião do adido cultural da Embaixada da África do Sul, Hendrik Roux, as aspirações do Bispo Tutu dificilmente se verão realizadas, porque as constantes disputas entre as tribos africanas não permitirão que se forme um Estado Unitário. Quanto à premiação de Tutu nada foi declarado, exceto que ela em nada contribui ou influi politicamente. (Denise de Roure)

Prêmio

reforça luta

"A premiação do Bispo Anglicano Tutu é importante para a luta de todo oprimido, em especial o povo da África Austral, que tem sofrido muitas perseguições. Ele é um reforço maior para os movimentos de libertação, principalmente do sistema recista sul-africano, assim como a independência da Namíbia que está sob a colonização Africana". Estas são afirmações do estudante moçambicano, Tomás José Jane, com relação à escolha de Desmond Mpilo Tutu como Nobel da Paz de 1984.

"Eu não definiria a premiação de Tutu na base da cor. No caso dele foi pela posição de luta visando o término da segregação racial", comenta o moçambicano ao falar do posicionamento do Bispo sul-africano e secretário-geral das Igrejas (CSAI), assim como de seu trabalho de conscientização do povo negro sul-africano. José acrescentou que a "luta é para libertar o povo em geral, para que possam escolher seus próprios dirigentes, e que estes defendam as causas dessa maioria (70%). Atualmente estes dirigentes (18%), que são minoria, estão explorando a maioria".

Quanta à posição da Igreja com relação a uma possível guerra Tomás José assegurou que "a Igreja neste caso está posicionada, apoiando os movimentos de libertação. Ela tem defendido a maioria, e Tutu por ser religioso, e muito capacitado, tem unido o povo, enquanto outros o tem separado. Ele defende a causa religiosa e a causa política, sem que as duas se choquem". (Kátia Vieira)

URUGUAI

Frente Ampla está crescendo

Os dois partidos tradicionais de oposição no Uruguai, o Blanco e o Colorado, estão perdendo um caudal muito significativo de votos, que estão sendo resgatados pela Frente Ampla, coalizão de partidos de esquerda que apresenta como candidato à Presidência da República, o general Liber Serengni, recentemente libertado após 11 anos de prisão sob o regime militar. A informação é do pastor uruguaio Befnabé Santos, da Igreja Metodista, que veio ao Brasil para participar do 13º Congresso da União Cristã Brasileira de Comunicadores (UCBC), realizado em Piracicaba nos primeiros dias de novembro. Segundo declarou ao **Campus**, essa transferência de votos é o fenômeno mais importante do processo eleitoral uruguaio, acrescentando que a volta de exilados do Brasil e da Argentina para votar no dia 25 próximo, estimados em 300 mil, e que, em sua esmagadora maioria são de esquerda, poderá provocar uma virada surpreendente no resultado eleitoral em favor da Frente Ampla.

Para o pastor metodista "o Partido Colorado já foi um partido popular, mas que atualmente, após 11 anos de ditadura, aproximou-se do regime militar, em troca de certas condições para intervir. Fez muitas concessões políticas e ideológicas, tornando-se, na prática, um parti-

do conservador". Quanto ao Partido Blanco, assegura que a enorme propaganda feita, buscando transformar num mártir o seu dirigente Ferreira Aldunate, atualmente preso, foi claramente rechaçada pelo povo". Eles abusam desse fato - enfatiza - e o povo repudiou. Agora, sentindo a perda de apoio eleitoral, o Blanco está falando sobre o perigo do comunismo, do retorno dos Tupamaros que estariam armando-se na Suécia, e faz disso uma bandeira política".

Ele acredita que as eleições ocorrerão em condições democráticas que permitam uma verdadeira expressão popular, afirmando que não resta outra saída aos militares. "De certa forma - acrescenta - é do interesse deles que ocorram as eleições, pois o regime perdeu todas as perspectivas". Lembrou, entretanto, que os militares, embora obrigados a permitir a liberdade, buscam instrumentalizar as eleições para ficarem, em certa medida, dentro do processo, mantendo alguma forma de controle. Apesar disso, entende o pastor que eles não estão conseguindo êxito nessa tentativa de manter o poder sobre a Constituição e o próximo governo, afirmando, categoricamente, que "através das eleições se conseguirá uma liberdade bastante ampla".

(Carlos Alberto)

Militares "devolvem" democracia

"As Forças Armadas garantirão a posse do partido vencedor, seja qual for a linha política do partido. Tomara que a experiência que tivemos fique bem guardada nas consciências dos cidadãos e dos políticos, para que não volte a se repetir esse período nada grato para todos nós". Esta é uma afirmação do 1º Secretário da Embaixada do Uruguai, Oscar Demaria, a respeito das eleições que serão realizadas naquele país no próximo dia 25.

"Acho, diz o Secretário, que há um importante amadurecimento por parte dos que deverão negociar a passagem de uma situação excepcional a uma situação Constitucional. É muito importante lembrar que quando o atual presidente assumiu, a 1º de setembro de 1981, em seu pronunciamento à nação, ele fez um juramento como homem e como militar de que seria o último governante não eleito pelo povo".

Cerca de 2 milhões e 200 mil eleitores votarão nos seis partidos que irão concorrer às eleições gerais em todos os níveis no Uruguai. Os três mais importantes são os tradicionais partidos Blanco e Colorado e a Frente Ampla, integra-

da dos partidos Comunista e Democrata Cristão.

Indagado sobre as situações de Ferreira Aldunate e Liber Serengni, o Secretário disse que o primeiro está detido pelo governo e sua situação será definida dentro de aproximadamente um mês, quando a Corte Suprema de Justiça o pronunciará pela acusação de dois delitos que são de assistência para Associações Subversivas e o dano à integridade moral das Forças Armadas. Quanto a Serengni, tem os seus direitos políticos cassados por dois anos, e não é candidato pela Frente Ampla, embora seja o presidente do partido.

Na opinião de Demaria, os exilados políticos foram muito poucos, e se tratava de gente que pertencia a organizações clandestinas, como o Movimento dos Tupamaros e o Partido Comunista, quando passou para a ilegalidade. Os exilados, de acordo com Oscar Demaria, pesarão pouco no resultado das eleições. Quanto aqueles que deixaram o país por razões pessoais ou em busca de novas perspectivas, se retornarem, poderão decidir o pleito.

LAZER

No entretenimento comunitário a hora e vez de se relacionar

A história dos jogos de lazer na UnB é antiga e desconhecida pela grande maioria da comunidade. Os locais mais frequentados são o Bandelão, com suas mesas de dominó e a entrada norte ("ceubinho"), com suas rodadas de baralho, onde os estudantes jogam desde o conhecido Truco até King, Jubileu (predileto dos veteranos), chegando a mais de vinte jogos diferentes. Na entrada norte uma novidade vem ganhando corpo a cada dia. Trata-se da participação das garotas nas partidas, dando um colírio àquele tipo de competição em duplas.

Enquanto que para os estudantes qualquer hora é hora de passar pelo ceubinho e jogar uma partida de cartas, para os funcionários este horário fica reservado ao intervalo de almoço. Neste período em que muitas pessoas saem da universidade, os funcionários se encontram em diferentes locais para também se divertirem. São locais desconhecidos pela comunidade, com as seções de bombeiros e de pintura no subsolo da Matemática, onde são jogadas partidas de dominó e de damas. Outros locais servem como ponto de encontro, como o Geoquímica, com seu jogo de xadrez, também praticado no C. A. Agroflor. Há também o tênis de mesa, disputado entre funcionários e alunos no Departamento de Matemática.

DESCANSO

A finalidade deste tipo de encontro, tanto para alunos e funcionários, é proporcionar aos diferentes participantes momentos de descanso e divertimento, além de ajudar a passar o tempo e "aliviar as idéias" depois de um período de trabalho, como fez questão de enfatizar o funcionário Feltosa, da Mecanografia das Ciências Humanas. Para o estudante Walter, os alunos que mais procuram os jogos são aqueles



De passagem para os que frequentam pouco o ceubinho, tá a moçada dando as cartas do jogo

com muitos créditos e que encontram um tempinho para se divertir, ou então são aqueles que não têm mesmo nada para fazer. Ele acrescenta ainda que o mais importante é o bate-papo com as pessoas e a oportunidade de se desreprimir.

Existem reclamações procedentes do Departamento de Matemática e de anfiteatros com aulas, através de professores que, às vezes, se vêem impedidos de prosseguir suas atividades pelos incessantes gritos de "truco" em horários impróprios. Segundo Sandro Costa, aluno do Mestrado em Matemática, os jogos, fora de horários livres atrapalham bas-

tante, pois não respeitam a concentração das outras pessoas. E acrescenta: "Pelo menos poderiam fazer menos barulho com este baralho".

ESPORTE

Outros eventos de lazer incluem atividades esportivas, como o futebol de campo, praticado pelos funcionários há mais de 11 anos. Mas esta modalidade poderá deixar de ser praticada, como explica o diretor esportivo do time do Trunca, extinto há pouco tempo. Um ofício foi encaminhado pelos alunos estínto da Educação Física ao Supervisor do Centro Olímpico, pedindo o mesmo

horário e os mesmos dias para a prática do "esporte bretão" entre os estudantes. Se esse pedido for aceito, será uma derrota para os funcionários, pois vão perder um espaço de recreação importante. Sobre terem desfeito o time mais tradicional da UnB, que era o Truaca, tetra campeão em duas modalidades, Zezinho, seu ex-integrante e diretor, tem sérias críticas a fazer à comissão de árbitros composta por alunos da Educação Física responsável, segundo ele, pela eliminação do time depois de tê-lo desclassificado em julgamento muito mal organizado. (Edna Cristina e Benné Eustáquio Mendonça)

III Feira do Livro: convite à reflexão pela leitura

Entre os livros mais vendidos na III Feira do Livro realizada no final de outubro, alguns destacaram-se pela atualidade na abordagem de seus temas, demonstrando a preocupação dos escritores com o momento político brasileiro. Os livros: "Política e Paixão", de Affonso Romano Sant'Ana, "Diário da Crise", de Fernando Gabeira e "Não Verás País Nenhum" de Ignácio de Loyola Brandão, são exemplos disso. O primeiro é uma coletânea de poesias e artigos publicados em jornais, em que o autor se preocupa com a temática do cotidiano político brasileiro. O segundo, como o próprio nome indica, reflete o momento da crise social e veio em uma edição feita em papel jornal.

No terceiro, seu autor faz incursões pelo futuro de um país "imaginário", colocando a problemática ecológica como resultado da má administração política.

Para Ivan da Silva, um dos organizadores da Feira, "na crise em que vivemos, as pessoas precisam refletir e essa reflexão é feita também através da leitura". Visando aproximar o grande público dos livros a preços mais acessíveis, foram feitas diversas promoções, como a do livro vendido por quilo; a participação de escritores nos estandes das editoriais, como a intelectual do ano, Cora Coralina; o escritor regionalista goiano, Bernardo Ellis; o jornalista Gabeira, entre outros.

As crianças não foram esquecidas e ganharam de presente o Cascatinha do Balão Mágico, dando autógrafos, além de variadas publicações para esta faixa de público.

A III Feira foi um acontecimento que teve acolhida pela população, por isso, para o ano que vem, a idéia dos organizadores da mostra é fazer coincidir as datas desse evento com as do Encontro Nacional dos Escritores, unindo no mesmo período esses dois acontecimentos de grande importância. Mas não ficam por aí as pretensões para dinamizar ainda mais esse acontecimento do mundo literário. Por já constituir-se num evento importante para Brasília e todo o Planalto Central, a IB Feira estará incluída no calendário turístico 84 da capital.

(Benné Eustáquio Mendonça e Mônica Ferreira)

A conquista de espaços do artista brasileiro

"Em Brasília, só não expõe quem não quer". Assim Eduardo Carreira, professor de História e artista plástico, vê a existência e administração dos espaços destinados, na cidade, às exposições. Mas aos 25 anos, há três trabalhando profissionalmente, este "artista maldito" preferiu exibir suas obras em palco bem menos convencional: a varanda do Anexo do Teatro Dulcina, no Seor de Diversões Sul — uma curta temporada (de 25/10 a 03/11) que provou tanto a validade quanto a viabilidade da exploração de novos espaços para a exposição das artes plásticas.

Carreira contrapõe a exploração destes espaços, que ele cha-

ma de democráticos ("de acesso franqueado e sem relações mercantilizadas e de exploração"), às galerias tradicionais, para muita gente, ainda hoje, o endereço obrigatório das exposições. Questionar estes conceitos de espaço adequado é, aliás, uma preocupação da qual compartilha também Renée Simas, professora de artes plásticas da Fundação Brasileira de Teatro. Para ela, é fundamental empenhar-se na busca de espaços alternativos, como o pilotis dos prédios, pois novas propostas de arte comportam e talvez mesmo requeiram novas estruturas, novos espaços. E, acima de tudo, é preciso jamais ter medo de ousar, experimentar.

ABRINDO ESPAÇO

Estimular a produção artística da cidade e abrir novos horizontes para a arte candanga são os eixos que norteiam o trabalho de Regina Motta à frente da assessoria de artes plásticas da Fundação Cultural do Distrito Federal, onde é responsável pela promoção e coordenação das mostras nas categorias desenho, gravura, escultura e tapeçaria.

Regina vê na diversificação da bagagem cultural do artista bra-

siliense — e consequente disparidade na qualidade das obras, que vão de muito boas a muito ruins — uma das maiores dificuldades da seleção dos trabalhos para exposição. Ao mesmo tempo entusiasma-se com os jovens artistas, que produzem cada vez mais e melhor, como atestou pelo segundo ano consecutivo o salão "Brasília Jovem", reunindo apenas artistas com menos de 25 anos. Uma competência devida em boa parte, e possivelmente, à presença esmagadora dos jovens nos cursos de arte (a grande maioria dos alunos que frequentam os 14 cursos oferecidos pelo Centro de Criatividade da FCDF, por exemplo, está na faixa dos 13 aos 16 anos).

Ao artista interessado em requisitar espaço na movimentada agenda da Fundação, Regina Motta recomenda que o faça com 12 meses de antecedência. O procedimento é simples: basta anexar à solicitação seu curriculum vitae, fotos das obras que deseja expor, e material veiculado pela imprensa especializada. Deferido o pedido, o artista será chamado a fazer a pré-reserva de data e local.

Os frequentadores de exposições já transitam por espaços como a Aliança

Francesa, o Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal e a Biblioteca Central da UnB. Aceder a eles também não é difícil: a Aliança Francesa distribui temporadas de 15 dias pelo período de março a novembro, fechando a agenda para o 1º semestre em abril, e para o 2º, em agosto. As solicitações devem ser encaminhadas em entrevista ao diretor, M. Bertrand, acompanhadas do currículo do artista e de algumas de suas obras, que serão posteriormente avaliadas e aceitas — ou não — por uma Comissão Cultural.

O Conjunto Cultural da Caixa Econômica tem uma pinacoteca de 200 quadros em exposição permanente, o que praticamente inviabiliza outras exposições do gênero. As solicitações, todavia, podem ser enviadas à presidência do órgão, especificando a data e o período desejados, bem como o currículo do artista.

Já a Biblioteca Central da UnB procura acolher todos os pedidos que lhe chegam, fornecendo o espaço, painéis e iluminação. Os interessados devem tratar com Thereza Rosa Borges de Hollanda, chefe do Serviço de Auxílio ao Usuário, com mais ou menos seis meses de antecedência.

O negro no Brasil: Racismo camuflado

20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra. Na África do Sul a população negra rejubila-se com o Nobel da Paz dado ao bispo Tutu. E no Brasil, como se encontra o movimento negro? Aqui evita-se abordar a questão da discriminação racial e quando é discutida, logo ela é associada à situação econômica do negro. A realidade é que o racismo existe no Brasil, porém de uma forma camuflada e paternalista, mas presente em todos os níveis. Não se tem pessoas negras em cargos relevantes do país e os negros que se sobressaem são ainda aqueles da área artística e desportiva.

CONSCIENTIZAÇÃO

O Brasil é o segundo país em população negra do mundo depois da Nigéria, e parece que só agora os brasileiros estão tomando consciência disso. Segundo Carlos Moura, advogado e militante do Movimento Negro Brasileiro, a condução do processo de erradicação do preconceito tem que partir principalmente dos negros, mas ela só será autêntica na medida em que toda a sociedade quiser participar.



A partir dos meados de 60, o negro começou a assumir a discriminação que sofria. No Rio de Janeiro, surgia o Teatro Experimental Negro e alguns clubes exclusivos para pessoas pretas, como o Renascença. Porém com o Golpe de 64, todas as forças progressistas foram afetadas e com elas o incipiente Movimento Negro. Em 1968, a Guerra de Independência das colônias africanas e o movimento "Black" nos EUA, contribuíram para que se reanimasse a comunidade negra ao nível do inconsciente coletivo. Na década de 70, o movimento negro brasileiro se consolidou. Surgiu o "Black Rio" onde a predominância do "soul" se constituiu num pólo de convergência de identidade. Júlio César Tavares, professor de História da Faculdade Dulcina e estudioso da questão negra brasileira, afirma que "a mobilização do negro

parte do campo cultural. As expressões culturais se caracterizam como uma forma de resistência da comunidade negra, como foi o caso da capoeira, do candomblé e do reggae, que não são apenas folclóricas. Elas foram as armas com que o negro lutou para preservar sua identidade sócio-cultural e se manter vivo.

Atualmente, existe em todo o Brasil entidades como o CEAB (Centro de Estudos Afro-Brasileiros, o Memorial Zumbi, o MNU (Movimento Negro Unificado) e na UnB, o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros), que lutam pela valorização da cultura negra, contra o racismo e contra o preconceito. Na opinião de Júlio César Tavares, tudo que diz respeito a qualquer forma de organização do negro sempre será considerada radical. "Toda vez que o negro se organiza, será taxado de racista. Não se pode falar sobre as diferenças culturais e étnicas porque o brasileiro está preso a uma ideologia da homogeneidade. Há falta de convívio com as diferenças. Segundo Carlos Moura, presidente da CEAB em Brasília, há uma carência de

de um olhar. As pessoas negras confundem "ser aceito" com "ser suportado".

Para Lúcia Júnior, aluna de Direito da UnB, "o pior dos preconceitos é estabelecer graduação de negritude; o racista quando pensa gostar de um negro, peca ao chamá-lo de "moreninho" como se isso fosse um prêmio. Eu admiro mais aqueles que vivem o seu racismo declarado, abertamente, do que aqueles que pensam que somos coitados, incapazes".

"O racismo no Brasil é uma questão submarina, porém letal", é o que afirma Carlos Moura, e ele acrescenta ainda que vários setores da sociedade não dão a devida atenção ao problema. Segundo ele, a grande imprensa boicota, escamoteia e nega qualquer tipo de apoio a esta questão.

A opinião de várias pessoas reforça a falsa impressão que a sociedade quer mostrar de um cartão postal do Brasil onde a democracia racial impera. A maioria das pessoas se esquivava do assunto.

Patrícia Barbosa, loira, olhos verdes, aluna de Direito da UnB, namora um senegalense. Até então, nunca tinha convivido com negros. "Apesar do Brasil ser miscigenado, o negro não faz parte do estereótipo convencional. Eu não tenho preconceito racial, mas faço discriminação econômica e social".

Para Carlos Albert, 14 anos, aluno do Colégio Marista, "tanto os negros como os pobres não valem nada". Vê-se que o racismo no Brasil é uma violência ideológica, raramente física, que começa na infância, através da educação familiar e escolar e segue até a universitária.

Em 1951, houve uma preocupação do Congresso em fazer uma lei (Afonso Arinos) que considera contravenção penal o preconceito de raça ou cor. Segundo o advogado Carlos Moura, a questão está muito mais ligada ao nível de organização popular, do que em função da Lei Afonso Arinos, que não funciona. É muito mais importante a vítima da discriminação denunciar publicamente e ter o apoio dos vários movimentos negros do que ir numa delegacia de polícia.

Atualmente, está em tramitação no Congresso Nacional o projeto de lei do deputado negro Abdias Nascimento, que considera crime o discriminar em razão da raça e cor. Neste sentido, o projeto é abrangente porque visa defender mais eficazmente o negro. Apesar disso, há uma resistência velada a esse projeto, que só conseguiu ser aprovado na Câmara devido à luta do Deputado Abdias

(Edna Maria Cristina Santos e Wilza Toscano de Almeida)

CINEMA

Kátia Turra



Baixo comparecimento do público foi a marca registrada do XVII festival

Festival da crise: "Nós já fomos mais felizes... !"

"O festival de cinema de Brasília reflete a atual crise e desordem nas quais vive o país". Com essa frase, o ator Carlos Kestelberg deu o seu parecer sobre o XVII Festival de Cinema de Brasília do Cinema Brasileiro que, mais uma vez, teve na escassez de público sua marca registrada. Por culpa, em parte, da divulgação feita tardiamente, o público também não compareceu às cidades satélites, logrando as expectativas dos organizadores do evento. De resto — e louvável — sobrou a iniciativa da Fundação Cultural em organizar o Festivalzinho, uma amostra paralela para o público infanto-juvenil.

O Festivalzinho não teve o público que esperavam seus idealizadores, mas serviu para evidenciar o grande desconhecimento desse tipo de trabalho feito no Brasil. Segundo Fernando Adolfo, organizador do festival de cinema, "as crianças (e adultos) desconhecem a produção nacional nesta área, devido ao vício da televisão, que só apresenta material estrangeiro". Ele acha que essa foi "uma boa iniciativa e que ela deveria ser mantida, apesar da incógnita que paira no ar com a mudança de governo". Disse que nada pode ser garantido em relação à realização ou não desse festivalzinho no próximo ano pois, "tudo se resume, como a própria situação nacional, a expectativas".

Num festival político como o de Brasília, não faltaram boatos e insinuações de bastidores. Desde a recusa do júri em premiar o melhor filme, em protesto pela qualidade dos mesmos, até um possível interesse do sr. Paulo Maluf pelo seminário sobre "Aperfeiçoamento da Legislação de Cinema e Televisão". Mas tudo não passou do lado folclórico do festival.

TANCREDO RAM

Reivindicando uma maior par-

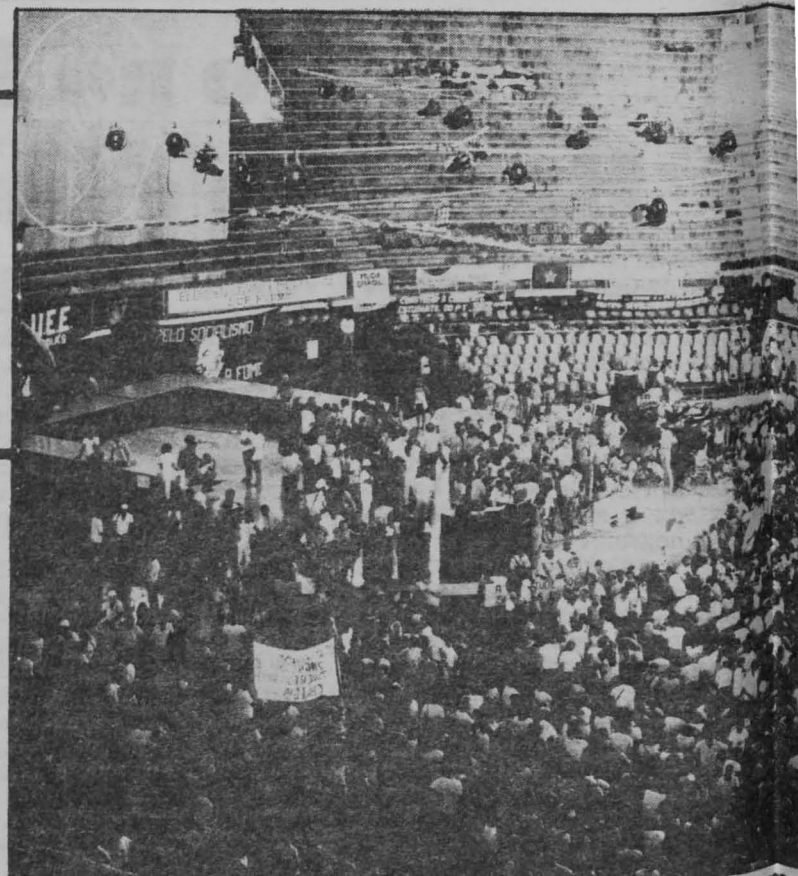
ticipação na política cinematográfica do futuro governo, estiveram no comitê da campanha de Tancredo Neves sete representantes de entidades das categorias cinematográficas, hipotecando seu apoio ao candidato da Aliança Democrática. Eles não levaram nenhum programa específico, mas ressaltaram a importância que o próximo programa de governo para a área de cinema seja elaborado conjuntamente com as entidades de classe ali presentes.

"Nós queremos que o sr. Tancredo Neves esteja aberto para as colocações democráticas das entidades", disse João Batista Andrade, presidente da Associação Paulista de Cineastas (APACI). Quando indagados sobre a conveniência de entregar as mesmas reivindicações ao candidato do governo, os representantes das entidades responderam em uníssono que isso não tinha sido cogitado. Joatan Vilela, da Associação Brasileira de Documentaristas, afirmou que seria uma "incorência recorrer agora a um representante do governo que sempre censurou os produtos dos cineastas".

Segundo o professor João Lanari do Departamento de Comunicação da UnB, coordenador do seminário "Aperfeiçoamento da Legislação de Cinema e Televisão", um dos objetivos desse encontro foi trazer a Brasília representantes dos vários segmentos da cinematografia nacional, de A a Z, para tentar pressionar o legislativo e defender os interesses da Classe. Lanari lamentou, no entanto, a ausência de representantes da oposição que alegando outros compromissos, não compareceram ao seminário, onde estiveram deputados pedessistas. "Eu não queria dizer isso, mas ficou parecendo que era o seminário do PDS", encerrou o professor. (Jair Barbosa Jr.)



O 36º Congresso da União Nacional dos Estudantes foi marcado principalmente pela questão sucessória nacional. A divisão entre tancredistas e partidários do boicote ao Colégio Eleitoral abafou a discussão de outros temas, mais específicos do movimento estudantil, como a qualidade do ensino e a democratização da universidade brasileira.



Cerca de 5.000 participantes, entre delegados e observadores

Crise e divisão marcam Cong

Rio de Janeiro, 26 de outubro, 18:00 horas — abertura do 36º Congresso da União Nacional dos Estudantes — “A gente saiu de São Paulo achando que vinha aqui discutir nossos problemas, mas acho que erramos de endereço; acabamos num comício”. A afirmação de João Carlos pode parecer precipitada, principalmente levando-se em conta que ainda estávamos na abertura do Congresso. Mesmo não sendo uma visão isolada, a opinião do estudante de medicina da Unicamp não foi a única num Congresso marcado, indiscutivelmente, pelo alto grau de divisão e sectarismo, num momento em que o Movimento Estudantil atravessa sua pior crise desde a reconstrução da UNE em 1979.

Sob gritos de “pelêgo” e “conciliador”, Ivan Pinheiro, do Sindicato dos bancários do Rio de Janeiro, representante da CONCLAT — que apóia a candidatura Tancredo Neves — na mesa de abertura, quase não pôde falar. Por outro lado, abafados por palavras de ordem anti-malufistas, os oradores ligados à CUT e ao PT — que defendem o boicote ao Colégio Eleitoral — mal conseguiram se expressar.

A abertura só veio indicar o que seria uma constante durante as discussões: a polarização entre os defensores da candidatura Tancredo Neves e os partidários das Diretas Já e do boicote ao Colégio Eleitoral. Para o Holandês (Luís Cláudio), que faz medicina na UFRJ, essa divisão de forças é natural. “A medida em que a conjuntura avança, acontecem divisões no meio estudantil, já que este não é um meio homogêneo.

Isso é natural, esperado e, inclusive, necessário”.

Esta não é a opinião de Isabel, estudante de Letras na mesma UFRJ. Para ela o importante é a gente brigar, hoje, pelo espaço do estudante. “A discussão de conjuntura nacional, que é muito importante, tem que visar o específico, as questões curriculares, a democracia na universidade. O que eu não vejo as pessoas discutindo é qual vai ser a nossa forma de interdição nessa realidade, voltada para os interesses estudantis”.

Os problemas do Congresso avia, não ficaram apenas no sectarismo. Na última hora, o reitor da UERJ recuou da promessa de ceder as instalações da universidade para servirem de alojamento aos participantes do Congresso. O resultado é que os cerca de 3700 delegados, mais os observadores do maior Congresso da história da UNE, foram obrigados a se conformar com as arquibancadas do Maracanãzinho e com os poucos banheiros existentes.

No sábado pela manhã ainda pairavam dúvidas quanto

à organização. Os estudantes ligados à tendência “Liberdade e Luta” insistiam em afirmar que o credenciamento era fraudulento. Acusados de tentar dividir a UNE, criando uma entidade paralela, polemizou-se boa parte do dia discutindo-se se havia ou não fraude.

Ainda no sábado foram realizadas discussões em grupos por temas da pauta — “Quanto calouros existem aqui neste plenário?” Cinco pessoas levantam os braços. “Quanto do primeiro semestre?” Duas pessoas abaixam os braços. Para Ana Isabel, que estava participando desta discussão no grupo sobre “Universidade”, este foi um exemplo claro de como o Congresso da UNE não representa o estudante médio brasileiro. “Centenas de calouros entram todo o semestre nas universidades, mas só existe espaço para a participação no Congresso de quem já está há mais tempo no movimento”.

BAIXO NÍVEL

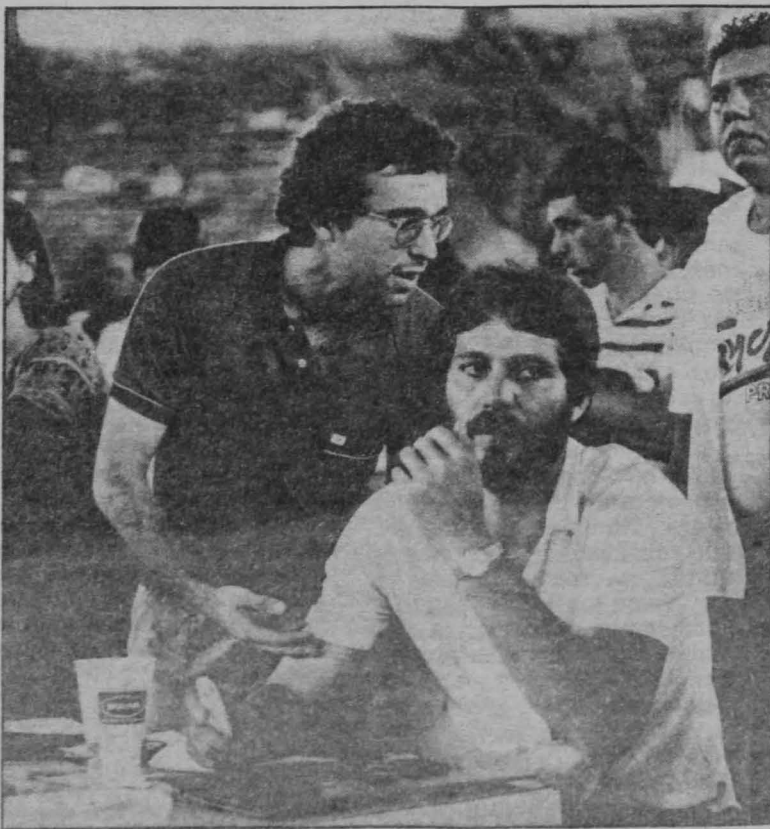
Este foi o primeiro Congresso do qual o Cid, que faz Comunicação na UnB, participou: “A forma como utilizam o Congresso da UNE como um grande aparelho não foi surpresa. O que me surpreendeu foi o baixo nível de argumentação, a própria base teórica que as pessoas tinham ali para defender as suas teses, além do aguçado senso de sectarismo. A UNE, ou as pessoas que se interessam pela UNE, perderam o próprio sentido da utilidade que teria um congresso ou a própria entidade UNE. Há um interesse paralelo; praticamente todas as pessoas que atuam na UNE estão ligadas

a partidos e esse interesse se torna maior que a entidade.”

Enquanto dentro do Maracanãzinho as discussões chegavam a temperaturas inimagináveis, lá fora o comércio de cervejas, camisetas, broches e livros atingia picos altíssimos. No intervalo entre uma cerveja e outra, Mara do Centro Acadêmico Beijo, da Comunicação da PUC-RJ dizia: “Isso aí (o Congresso) não representa nada. Ainda bem que não tiramos delegados na nossa escola.”

“O nível de discussão na base ainda tá muito baixo. É preciso que a gente comece a preparar o Congresso desde o começo do segundo semestre. É preciso levar a discussão em todos os departamentos, em todas as salas de aula, é preciso fazer assembleias, é preciso fazer plenárias de discussão; é preciso envolver todo mundo que queira vir ao Congresso em atividades de preparação deste Congresso; é preciso que a discussão seja muito mais profunda. Hoje em dia, a discussão, pelo menos na UnB, é muito pequena, e a força da UNE está na discussão que é feita na base.” As declarações de Alfredo, da UnB, espelham uma preocupação comum a todas as pessoas e posições políticas que participam do movimento estudantil e dos Congressos da União Nacional dos Estudantes: a absoluta falta de discussão dentro das escolas.

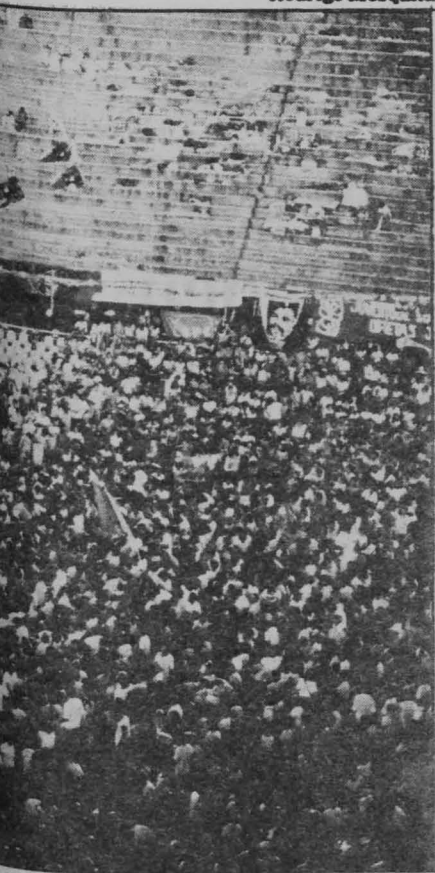
E que tipo de discussão levar? Ana Isabel acredita que, antes de mais nada é necessário botar o pé no chão. “Na minha escola, por exemplo, a gente passou em sala colocando que a gente ia usar o Congresso como um fórum nacional para, junto com os



Acilân Pae (D) e Renildo Calheiros. O ex e o atual presidente da UNE

Rodrigo Mesquita

Rodrigo Mesquita



uniram-se no Maracanazinho

gresso

colegas de Letras de todo o Brasil, articular uma luta contra a determinação do Conselho Federal de Educação de modificar o currículo do curso de Letras."

Já o Holandês, acredita que o fundamental é aprofundar mais a discussão política em geral. Para ele, os delegados que estão vindo ao Congresso são, em sua maioria, bastante despolitizados não sabendo, nem sequer como justificar suas posições.

O apoio à candidatura Tancredo Neves foi aprovado na madrugada de segunda-feira, depois de se passar todo o domingo discutindo-se a questão de conjuntura. A questão da sucessão presidencial e o papel que o movimento estudantil tem, nesta sucessão, é o ponto que mais toca os estudantes, na opinião de Alfredo. Para ele, a candidatura Tancredo Neves é a que aponta uma saída para a crise da universidade. Já o Holandês, da UFRJ, acha que isto significou um desgaste para a UNE. Isto porque, segundo ele, o governo Tancredo Neves tende a ser um governo conservador, e um atrelamento da UNE a este governo será desgastante.

Segunda-feira, 29 de outubro, 9:00 horas — Do lado de fora do Maracanazinho, após a eleição da nova diretoria da União Nacional dos Estudantes, com Renildo Calheiros na presidência, ao som de uma batucada, a Bahiana começa o seu *strep-tease* dizendo: "Gente, eu queria agradecer a todos vocês. Esse Congresso foi ótimo, conheci pessoas ótimas, fiz relacionamentos maravilhosos..." (Rodrigo Mesquita, especial do Rio de Janeiro)

Distanciamento da realidade de cada estudante, centralização de poder, discussões e atividades restritas à política de partidos, além de um modelo de atuação viciado ainda nos moldes do período de 68. Estes são elementos que expressam a imagem da UNE, segundo estudantes da UnB que, em sua maioria, não votaram em delegados para o Congresso da UNE e não participaram de outras votações (lista sextupla para reitor, DCE e CA).

A UNE, que já aglutinou uma parcela significativa dos estudantes brasileiros em períodos de resistência à repressão política, hoje, pelo menos na UnB, só desperta estímulos de participação em reduzidíssimo número de alunos.

A discussão político-partidária realizada no Congresso da União Nacional dos Estudantes — apoio a Tancredo ou boicote ao Colégio Eleitoral — seria correta no período de grande autoritarismo no país. O processo de democratização possibilitou a efetivação de mudanças na estrutura de participação política. Para Edilberto Campos, o Edil da História, "estamos vivendo um momento que permite a realização de um trabalho mais aberto. A realidade é outra e temos uma percepção diferente".

APÓIA TANCREDO. E DAI?

Foi exatamente o tipo de participação política que a UNE deveria ter um dos questionamentos dos estudantes da UnB, entrevistados pelo *Campus*. "A UNE somos mais eles (os partidos) do que nós. O que ela está fazendo hoje? Só sabemos que está apoiando Tancredo. E daí? Qual é a discussão que ela leva sobre educação? Nós, a maioria dos estudantes, não sabemos". E o que diz Luiz Ribeiro Gomes, da Pedagogia. A participação política, para Edil, implica não só em discutir política partidária ou sucessão. "Implica também em discutir e questionar sociedade como um todo — economia, sistema político, moral e estruturação social. Fazer política é ter uma proposta de vida".

A centralização de poder pelos grupos dirigentes das entidades estudantis foi também criticada. "A estrutura do movimento estudantil é centralizadora e acaba conferindo às pessoas que ocupam cargos o direito de representar os estudantes no jogo político do país. A busca de soluções deve estar acontecendo a cada momento, e por todas as pessoas". Esta afirmação é do Edil, que já foi presidente do CA da História e membro da diretoria do DCE, e discorda, desde então, da prática convencional do Movimento Estudantil.

Distanciamento da realidade de cada aluno, a UNE dificilmente é tema de conversa, nem tampouco tem despertado curiosidade nos estudantes em geral. "Nós estamos mais para Rock in Rio do que para Congresso da UNE. Aquele, com toda a proposta aliante do Sr. Medina, está mais próximo de nossas aspirações que o Congresso da UNE". E o que pensa Luiz Gomes, da Pedagogia.

OUTRAS OPINIÕES

O distanciamento das entidades estudantis fica bem evidente em espaços muito frequentados

como o "Ceubinho" (Ala Norte do Minhocão). Liliane Xexéo, caloura da Comunicação, frequenta diariamente o local. Para ela, "os congressos estudantis que acontecem uma vez ou outra só discutem política". Giuliana Morrone, sua amiga, acha que, em função da data de realização do Rock in Rio, que coincide com a reunião do Colégio Eleitoral, ninguém vai querer saber de Sucessão Presidencial.

Armando Simões Deperon, estudante da Engenharia Elétrica há seis anos, também acha que as discussões são mais direcionadas para o lado político. Para ele, que acredita em Maluf como bom administrador caso se eleja, os es-

"Quem não estudou no exterior sente-se injustiçado"

tudantes devem tentar expor aos políticos e à sociedade suas reivindicações. A origem da insatisfação social, na sua opinião, é a falta de dinheiro. Quem não teve a possibilidade de estudar no exterior do país, sente-se injustiçado e se revolta. Mas afirma que este Congresso tem sua importância. "Qualquer congresso que vise debater os interesses dos estudantes é válida".

ALTERNATIVAS

Os estudantes da Física tem buscado uma atuação que se difere do padrão de militância do movimento estudantil. Laudo França, aluno daquele departamento, esteve no Congresso da UNE e achou que ele se caracterizou pela superficialidade em todos os aspectos, inclusive das "relações

séxuais". Explicou que a preocupação básica na Física tem sido a de acabar com as relações de poder existentes no movimento estudantil. Cada um faz o que quer. No seu entender, a discussão política deve partir do princípio da liberdade, "levando-se em conta, é claro, o respeito à individualidade, sem que se chegue a um fanatismo que coloque em risco essa mesma liberdade".

Nas assembleias da Física, onde dificilmente existe contagem de votos, cada pessoa expõe suas idéias sem haver, segundo Laudo, a preocupação em ganhar adeptos. "Ninguém preside a assembleia nem existe preocupação com o quórum. Apesar de alguns CAs acharem que essa prática tira a representatividade das assembleias, acredito que essa forma aumenta a participação nas mesmas".

Os temas discutidos nas assembleias da Física não são impostos, mas partem das necessidades existentes em cada aluno de discutir o que pensa. "Em uma das assembleias, discutiu-se a sexualidade, por causa de uma brincadeira que fizeram com um colega, chamando-o de bicha. Basta que alguém tenha necessidade de expor suas idéias, para a convocação de uma assembleia".

Outro aspecto tem diferenciado a Física. É a preocupação com as atividades culturais, que possibilitariam o enriquecimento da prática existencial. Laudo acha que "se o movimento estudantil quiser ter uma praxis política não partidária, deverá viabilizar a dinamização cultural. A política existe consoante com a cultura. Por preconceito e até mesmo por formação ideológica, o ME ainda não descobriu seu papel político-cultural e continua no pseudo-papel político partidário (principalmente de esquerda), falando e vivendo as mesmas coisas e os mesmos dogmas de Marx, Trotski e outros velhos pensadores que tinham concepções da realidade importantes para seu tempo mas não para esse aqui e agora".

Na História, segundo Edil, não existe ainda uma definição clara do trabalho que está se desenvolvendo, mas então sendo tentadas

novas alternativas de participação no movimento estudantil. "Existem algumas pessoas que vivem o Centro Acadêmico. As iniciativas de discussão ou trabalho surgem naturalmente. As coisas acontecem ou não conforme a disposição das pessoas em realizá-las e dentro de suas possibilidades". Edil afirma ainda que não existe "um grupo de estudantes fazendo por outro". As pessoas não são tratadas como engenhocas ou incapazes de opinar e trabalhar. "Se estuda História, deve ter um mínimo de consciência da realidade".

Para Zolacir Trindade, da Física, o movimento estudantil da UnB está em fase de renovação. "Estamos passando por um mo-

"A crise do movimento estudantil está gerando mudanças"

mento de mudança no ME, gerada pela própria crise". Um ano sem diretoria do DCE teria estimulado, na sua opinião, percepções mais coerentes com a realidade. Zolacir acha também que vários CAs já estão questionando sua estrutura usual (hierarquia de cargos da diretoria, instâncias de deliberação, etc.). O Congresso da UNE, ele vê como uma reunião de tendências de partidos onde são discutidos seus conteúdos programáticos. "É fechado e arido pro estudante".

As entidades estudantis, inclusive a UNE, não tem dado a devida atenção às aspirações do próprio estudante. É o que esclarece Zolacir: "Deve-se colocar às pessoas elementos suficientes para que elas próprias tenham uma concepção de mundo". (Silvana de Freitas e Josué Benitz).



Lobby: corrupção ou comunicação?

"Administrar a pressão de forma organizada" é, de acordo com o professor de Relações Públicas do Departamento de Comunicação da UnB, J.B. Serra e Gurgel, a melhor definição de Lobby. Segundo ele, o lobby só é legítimo se utilizar as técnicas de comunicação como forma de alcançar seus objetivos: "Toda e qualquer forma de pressão que não empregue técnicas de comunicação não é lobby, é corrupção".

Conforme essa definição de "lobby legítimo", as atuações dos lobistas vão desde telex enviados a autoridades governamentais, reivindicando encaminhamento de processos, até o bloqueio de estradas por tratores e caminhões, como tem acontecido no sul do País e Mato Grosso. Inclui em-se ainda discursos de parlamentares, notas em jornais, visitas a gabi netes, abaixo-assinados e até manifestações de rua. Quanto à prática "ilegítima", podem ser dados como exemplos a troca de favores, o oferecimento de companhias femininas e carros com chofer para autoridades visitantes,

cido durante muito tempo junto ao Executivo, que era na verdade quem tomava as grandes decisões políticas e econômicas. Com as eleições de 1982, ao Legislativo foi devolvida parte de sua importância como poder controlador e fiscalizador das atividades do Executivo. Tornou-se, portanto, imperiosa a participação das empresas e entidades de classe junto aos grupos de assessoria técnica do Senado e da Câmara, por meio de lobbies. Esta mudança no quadro político brasileiro implica numa mudança de mentalidade dos empresários, segundo o consultor João Bosco Lodi: "O empresário terá que assumir uma postura apartidária, abrindo canais de comunicação com todos os setores, sem subordinação a uma ideologia. Terá de aprender a negociar com a oposição, porque ela hoje também faz parte do poder".

FANTASMAS

Entre os políticos entrevistados, a maioria alega que não se sentiria à vontade defendendo abertamente interesses de grupos econômicos. No seu entender, institucionalizar o lobby é o mesmo que regulamentar um privilégio das classes dominantes, pois associações de classe, sindicatos, confederações e entidades civis que não puderem se organizar estariam em desvantagem em termos de representatividade junto ao Congresso Nacional.

Falar em lobby é quase lidar com fantasmas, apesar de toda a discussão que gira em torno do assunto. Os lobistas conhecidos não se dizem lobistas e sim observadores ou consultores. Os que sofrem a ação destes, tampouco os reconhecem como obistas e sim como representantes de empresas ou legítimos defensores de interesses. Todos os parlamentares entrevistados não quiseram conversar sobre o assunto, preferindo se referir a essa prática como "influência" ou "pressão".

A primeira Secretaria da Câmara dos Deputados, por exemplo, autoriza o credenciamento de entidades de classe para o acompanhamento da tramitação de projetos de seus interesses junto às comissões técnicas daquela Casa. Desde o ano passado, 24 entidades já se credenciaram e têm representantes na tentativa de influir na forma final dos projetos e no tempo de sua tramitação.

Todos os ministérios, sem exceção, têm Assessorias permanentes funcionando no Congresso Nacional, com o objetivo de informar aos Ministros sobre pronunciamentos de parlamentares, favorá-

veis ou não a sua política, auxiliar na elaboração de pareceres e quaisquer outras atividades que envolvam a imagem do Ministério e seu titular junto àquela Casa. Entretanto, nem o credenciamento junto à Câmara nem as assessorias parlamentares são consideradas como práticas de lobby.

É LOBBY?

O Projeto de Lei nº 25, datado de março de 84, de autoria do senador Marco Maciel (PDS-PE), sobre o "registro de pessoas físicas ou jurídicas junto às Casas do Congresso Nacional" - o único projeto existente a respeito do assunto-avança um pouco em relação ao credenciamento na Câmara, mas institui a prática sem falar uma só vez em lobby no projeto. Na justificativa, o senador observa que seu projeto "visa ampliar e aperfeiçoar a disciplina legal dos grupos de pressão ou de interesse com atuação junto às Casas do Congresso". "Então é lobby, ou lobbying", observa o professor Serra e Gurgel, tre incrédulo e irônico.

Congresso quer pressão legalizada

Segundo o senador, a "atuação dos grupos de pressão deve ser regulamentada para que sejam expurgadas as eventuais tentativas de canalização de interesses inadequados e de má influência do poder econômico". O projeto prevê um controle rígido da atividade lobista no Congresso: além de credenciamento obrigatório, as pessoas registradas junto ao Senado e Câmara para fins de lobbying deverão encaminhar às respectivas mesas diretoras, até os dias 30 de junho e 30 de dezembro de cada ano, uma declaração dos gastos relativos à sua atuação, discriminando inclusive todas as importâncias superiores ao valor correspondente a 21 ORTN, hoje algo em torno de 422 mil e quinhentos cruzeiros.

Enfim, percebe-se que apesar de toda a discussão em torno da prática de lobby, falta um empenho maior por parte dos parlamentares e empresas envolvidas com a atividade, no sentido de abolir de vez os "fantasmas mas", que praticam lobby às escondidas e ao mesmo tempo o consideram legítimo, indispensável e ético. (Thais Bastos)

Tancredo promete a servidores o que Figueiredo não deu

Cem por cento do INPC reajuste semestral, 13º salário, direito à sindicalização e fim dos contratos por locação. Estas são as reivindicações mais importantes dos servidores públicos. Tancredo prometeu representatividade, salário e democracia.

O candidato à presidência da República, Tancredo Neves, reuniu-se durante duas horas em Belo Horizonte com presidente da Confederação dos Servidores Públicos do Brasil (CSPB), Archimedes Pedreira Franco, tendo prometido na oportunidade, caso seja eleito, democratizar o serviço público, criar condições para uma maior representatividade da classe em todos os ângulos e modificar imediatamente a política salarial e de pessoal dos servidores.

Esta informação foi prestada ao Campus pelo presidente da Federação dos Servidores Públicos de Brasília (FSPB), José Manoel de Melo, acrescentando ainda que Tancredo tocou nas raízes das reivindicações dos servidores enquanto Paulo Maluf prometeu apenas o 13º salário aos estatutários.

REIVINDICAÇÕES

Os servidores públicos da administração direta exigem de imediato que os salários sejam reajustados em pelo menos 100% do INPC, a partir de novembro de 1984. As outras reivindicações ficarão para o próximo governo: reajuste semestral com base em 100% do INPC; reposição salarial de tudo aquilo que foi confiscado ao longo dos últimos anos de autoritarismo; extensão do 13º salário aos servidores estatutários; equiparação do vencimentos entre os servidores ativos e inativos; equiparação do vencimento dos servidores do executivo aos do legislativo e judiciário; defesa de um novo estatuto que estabeleça regime único para todos os servidores.

Além desses itens, os servidores fazem duas outras importantes reivindicações, que são o direito de sindicalização e a proibição de contratação de pessoas através de empresas locadoras de mão-de-obra. No que diz respeito à sindicalização, existe um projeto que está dormindo na Câmara dos Deputados há 35 anos, enviando ainda no go-

verno de Dutra. Este projeto concede liberdade e autonomia de sindicalização aos servidores civis, ficando de fora os militares. Depois de longo tempo engavetado, finalmente foi aprovado na Câmara e enviado ao Senado.

Quanto à questão dos contratos das locadoras de mão-de-obra, a Federação dos Servidores é contra por serem bastante onerosas, lesivos à nação e particularmente aos servidores, conforme ficou constatada no debate realizado pela Comissão de Serviço Público da Câmara dos Deputados em setembro último. Ficou provado que as locadoras contratam pessoas para serviço de asseio, conservação e vigilância e pagam apenas Cr\$ 106 mil ao empregado e faturam Cr\$ 544 mil per capita", além de cobrarem do governo alimentação, transporte e uniforme e nada fornecendo, à exceção de uniforme que algumas doam e outras, muitas vezes, descontam de salário de empregado.

QUEIXAS

Melo queixa-se do presidente Figueiredo que, no final de 1978, quando participou do I Simpósio dos Servidores Públicos de Brasília, realizado na Câmara dos Deputados, prometeu um novo estatuto, 13º salário e melhores salários. "Além de não cumprir, colocou os servidores em situação mais amarga e infeliz do que qualquer governo que passou pelo Brasil". Mesmo com todo descaso das autoridades, o presidente da Federação descarta a possibilidade de uma greve devido a grande dificuldade de mobilização da classe. "Esta dificuldade existe, em primeiro lugar, pela imobilidade das entidades. Em segundo, por causa da falta de conscientização que os 20 anos de autoritarismo impôs à sociedade e por último, a legislação, que prejudica e coloca o servidor à mercê da administração, manipulando-o e pressionando-o", completa Melo. Por esta razão, a primeira etapa da luta será tentar sensibilizar o governo. Para tanto, será realizado na primeira semana de dezembro, o IV Simpósio dos Servidores Públicos de Brasília, organizado pela Comissão de Serviço Público da Câmara, FUNCEP, Federação dos Servidores do Brasil, com o objetivo de debater mais profundamente e definir os problemas administrativos e dos servidores. Está sendo elaborada a "Carta do Servidor" que será debatida nesse simpósio e posteriormente entregue aos dois candidatos à presidência da República, Tancredo Neves e Paulo Maluf. (Murilo Milhomem).

US\$ 70 milhões em gastos com lobby nos EUA.

mordomias, como jantares e reuniões de alto luxo, além da tão conhecida propina.

Na opinião de João Bosco Lodi, consultor empresarial, só a profissionalização efetiva do lobby tornaria as regras do jogo mais claras, diminuindo assim a corrupção, ainda que não acabasse com ela.

Nos Estados Unidos, o lobby é considerado um instrumento democrático e "representa uma função importante no processo legislativo, proporcionando informações que os parlamentares não poderiam obter de outra forma, em curto período de tempo". O esclarecimento é do lobista norte-americano, Ernest Wittenberg, que esteve presente ao VII Congresso Brasileiro de Relações Públicas, realizado em setembro de 1982, em São Paulo. Segundo o professor Serra e Gurgel, os gastos comprovados por 6.500 profissionais de lobby que atuam no congresso Americano, durante o trimestre janeiro-março de 1984, foram da ordem de 70 milhões de dólares, metade dos investimentos do governo brasileiro em comunicação, durante um ano.

No Brasil, o lobby foi exer-

Casuísmos dos malufistas

Sucessão. Como será o nosso Day After?

Manobras. Embargos. Recurso. Conchavos. Tudo isso é descrito em uma só palavra: casuismo. Desde o fim do projeto pelas Diretas-Já, a luta se palariou entre o candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves e o do PDS, Paulo Maluf.

Nas últimas semanas, a discussão tem se travado sobre o papel de Mesa do Senado Federal na votação do Colégio Eleitoral. Segundo a Constituição, a Mesa tem o papel de conduzir a votação e de estabelecer os seus detalhes técnicos. Assim, a Mesa tem se reunido para deliberar desde a dotação de 2 bilhões e 100 milhões de cruzeiros para alojamento, alimentação e festividades aos colegiados, até a regulamentação de como será a votação no dia 15 de janeiro próximo.

Segundo os Deputados Arthur Virgílio (PMDB-AM) e Márcio Santilli (PMDB-SP), vale tudo para se vencer o Colégio Eleitoral. Pressões, ameaças, até mesmo insinuações de golpe, como o Deputado Magalhães Pinto tem feito. A única boa notícia, é que "quanto mais casuísmos forem discutidos e, ou, implantados, menor será a ameaça de golpe".

A Mesa do Senado, no momento vive um período de indefinição. O Senador Milton Cabral (PDS-PB), tem se colocado à favor da tradição de voto em aberto, aparentemente, indo contra seus correligionários do PDS, que para favorecer uma vitória de Paulo Maluf, defendem o voto secreto. Isso possibilitaria um processo de "andareamento", ou seja, de promessa pública de voto em "X" e voto secreto em "Y".

O Deputado José Eudes (PT-RJ), um dos elaboradores do projeto da nova lei de informática, tem muitas dúvidas em relação à votação dia 15. "Os malufistas podem segurar até lá o pedido de fidelidade partidária, colocando a questão somente na abertura da sessão. Com isso, pelo menos 12º votos da Frente Liberal se-

riam anulados. Porém existe um detalhe, mesmo assim, Tancredo Ganhará, pois conta com os votos de quase todo o PMDB e PDT. Isso significa que eles devem estar articulando alguma coisa. Mas o quê?"

Mas o que se não preocupa, incomoda, são os pronunciamentos militares. O Ministro do Exército, Valtér Pires tem sempre feito discursos duros. Condenou a luta pelas Diretas-Já e denunciou o apoio que o MR-8, PCB e PC do B tem dado a Tancredo Neves. Posteriormente, o Ministro da Aeronáutica, tido até há bem pouco tempo como moderado, fez um discurso na Bahia, que estranhou a todos os setores que viam nele um Ministro conciliador.

Na verdade, após esse último incidente, em agosto, esperava-se que na parada do dia 7 de setembro fosse feito mais um pronunciamento militar endurecendo o jogo. Talvez pela presença do Vice-Presidente Aureliano Chaves, pessoa *non grata*, no palanque, a nova ordem do dia não foi lida.

Então, se os militares estão mais calmos, onde está a inquietação?

Possivelmente entre os membros do Colégio Eleitoral. Totalizando 686 votantes, esses felizardos votarão por mais de 60 milhões de eleitores e 115 milhões de habitantes. Sujeitos a todos os tipos de insinuações e provocações, por enquanto os números dão ampla margem de vitória de Tancredo Neves. Maluf conta com o apoio declarado de aproximadamente 40 deputados estaduais. Tancredo com aproximadamente 80. Então, somando os votos dos Deputados Federais e Senadores, que também fazem parte do Colégio, descontando os votos da Frente Liberal, que podem ser anulados por infidelidade partidária; excluindo os votos do PT, PDT e PTB, caso sejam impedidos de votar, Tancredo ainda ganha.



Santilli



Manobras favorecem a reeleição do PDS

Recentemente, por um descuido da Aliança Democrática e como que, por um "golpe" da Mesa do Senado através de seu presidente, o senador malufista Moacyr Dalla, ficou regulamentado que a escolha dos representantes das Assembleias Legislativas seria pelo voto secreto. Essa medida levantou suspeitas em relação aos recentes acordos firmados entre o partido do governo e a Aliança Democrática. Além disso, abriu-se um perigoso precedente a "possíveis" novos casuísmos que venham a ser usados pelo PDS no jogo sucessório.

Pela manobra do voto secreto, acreditava-se que, aparentemente, essa medida viesse a beneficiar o candidato do PDS à presidência da República. Porém o que aconteceu não foi bem isso e o fato serviu para botar muita gente de orelha em pé. Além disso, provocou uma nova onda de especulações em relação a novos casuísmos. Mesmo assim, o deputado Paulo Maluf, em entrevista concedida à imprensa no dia 30 de outubro, reiterou que o saldo foi positivo, pois obteve mais de 35 votos. Não foi só isso. Concluindo, Maluf, voltou a afirmar que, a exemplo dos candidatos que já estavam escolhidos, ele detém a maioria dos votos das bancadas federais. Questionado, o deputado Paulo Maluf fez questão de não citar nem números nem nomes, por considerar que estaria dando subsídios às oposições para exercerem pressão sobre os indicados.

Partindo dessa perspectiva, é fácil prever uma nova onda de casuísmos, onde inclui-se a cobrança da fidelidade partidária. Sobre essa questão, comentava outro dia o deputado pedessista e malufista Bonifácio Andrada, que foi feita consulta ao Tribunal Superior Eleitoral e segundo ele, a questão é juridicamente perfeita. Disse ele que, se o delegado estadual recebe uma delegação para ir ao Colégio Eleitoral votar no futuro presidente, deve vo-

tar no candidato do seu partido, naquele pelo qual foi eleito, é representante e delegado. Se assim não fizer, é lógico que seu comportamento é infiel. Bonifácio Andrada, concluiu dizendo que a lei da fidelidade partidária é claríssima. E finalizou dizendo que o problema a se discutir é a sanção prevista para o delegado infiel: se perda do mandato, ou anulação do voto, ou ainda a reversão do voto. Ainda sobre a fidelidade partidária, o candidato pelo PDS Paulo Maluf disse que ela é a base da democracia, e concluiu: a eleição indireta, como qualquer resolução do Congresso ou das Assembleias Legislativas pressupõe, no entender dele, a fidelidade partidária. Essas declarações nos mostram que as mudanças nas regras do jogo não param por aí. Pelo contrário podem ir muito além.

Como consequência "quase" lógica, podemos nos preparar para novos casuísmos. Por exemplo, as Medidas de Emergência. Se na votação da Dante de Oliveira, o partido do governo aplicou as Medidas de Emergência e se beneficiou com isso, porque não adotá-la novamente? E um trunfo que o PDS tem e se não abriu mão dele na votação das diretas duvido que vá fazê-lo na votação para colocar Maluf na Presidência da República. E um cartucho a mais, que será usado convenientemente na hora certa. E em se falando de trunfo, o PDS arranjaria outros mais para se fazer valer e manter resguardados alguns ideais que os levaram a conspirar e a executar a chamada Revolução de 64. Esse outro trunfo, por exemplo, poderia ser, não uma "nova revolução", mas sim um novo novo golpe militar, possibilidade essa que já vêm sendo aventada por vários setores da sociedade preocupados com a sucessão. Golpe esse que manteria aquela meia dúzia de sempre, os mesmos, no poder e sem problemas por mais um bom tempo. Talvez, o pouco tempo que lhes sobra de vida "política".

Eleições na OAB-DF: duas chapas, uma só meta: a Constituinte

Fotos de Fernando de Freitas



José Paulo Pertence



Maurício Corrêa

A Constituinte é a principal preocupação dos candidatos à presidência da OAB-DF, nas eleições que ocorrerão no final deste mês. José Paulo Sepúlveda Pertence, candidato da oposição com a chapa "Ordem democrática", e Maurício Corrêa, atual presidente e candidato à terceira reeleição, concordam que o papel institucional mais importante da OAB no próximo semestre será a luta pela Assembleia Nacional Constituinte.

Este tipo de proposta evidencia a liderança da OAB-DF em comparação com as demais, fazendo com que tenha um papel primordial na defesa e melhoria do ordenamento jurídico nacional e pelo restabelecimento do estado de direito. Isto é reforçado pela localização desta seccional no centro do poder político e pela resistência do órgão máximo da entidade, o Conselho Federal, em se mudar para cá.

AS DIFERENÇAS

Para o candidato da situação, a instalação de uma nova consti-

tuante é o único caminho para a definição de um "novo pacto social que reproduza a vontade popular". Já o candidato da oposição vai mais além, ao deixar claro que defender bandeiras político-institucionais é, acima de um direito, um dever estatutário, o que obriga a Ordem a uma postura crítica perante as instituições existentes. Neste sentido, Pertence entende que cabe à Ordem, neste momento, além de pedir pela Assembleia Nacional Constituinte, bandeira que a OAB levantou antes dos partidos políticos, dar início a discussão substantiva da própria Assembleia. "E preciso começar a por em discussão os grandes temas em torno dos quais se desenvolverá a futura Assembleia Constituinte; mostrar à sociedade civil que em torno das questões aparentemente abstratas da elaboração de uma nova constituição estarão sendo julgados interesses cotidianos do homem comum."

SUCCESSÃO PRESIDENCIAL

O candidato da chapa "Ordem

democrática" espera que "numa de" nenhum desastre constitucional impeça a posse do próximo governo que terá a tarefa de convocar a constituinte. "O atual presidente, por sua vez, entende que a transição representada pela eleição indireta do próximo presidente será o primeiro passo para um melhor ordenamento jurídico, se for eleito o candidato alinhado com os anseios populares (ele não cita qual seria esse candidato).

Em disputa eleitoral, Pertence acusa Maurício de continuista e este revela que não queria concorrer à reeleição, mas que foi levado a isso para não deixar em "desabrigo" os seus correligionários, após a renúncia do candidato à presidência pela chapa que apoia. "Meus colegas articularam uma solidariedade em torno do meu nome, em decorrência dos dois Inquéritos Policiais Militares que foram instaurados contra mim". (Maria Lúcia Sigmarin-ga)

Professores discutem quadro atual de ensino

Estatização das escolas particulares, educação sexual no 1º e 2º graus e a extinção do Mobral, foram alguns temas discutidos no I Encontro de Professores do DF, que reuniu cerca de mil delegados para debaterem o ensino brasileiro.

Apesar de não ter caráter deliberativo, o Encontro, que demorou três dias, votou algumas propostas para melhorar o atual quadro educacional, que, de acordo com as opiniões dos participantes, está muito deficiente.

O Ensino Superior, um dos principais pontos, teve uma única referência a UnB, tópico que deu origem a duas propostas básicas. A primeira votada a favor da criação de cursos noturnos e a segunda relativa à volta de cursos de extensão de porte médio, dirigidos aos próprios professores e alunos, e não só aos Embaixadores, Ministros e homens do governo, como vem sendo feito atualmente.

UnB

Segundo o professor Sadi Dal Rosso, vice-presidente da ADUnB, a UnB está voltada politicamente para as empresas, tecnoburocracias e a representações estrangeiras, assumindo assim uma posição classista. "O que se busca é que ela seja uma Universidade voltada para os diversos segmentos sociais, tais como trabalhadores autônomos, classe média, baixa e outros". Diante do número de professores e do conteúdo das propostas, o professor Sadi acredita que o Encontro tenha sido o embrião para um

congresso de professores no próximo ano. "Está com o sindicato a sugestão de se levarem as propostas a uma Assembléia. Acredito na mudança da legislação e isso só ocorrerá se conseguirmos mobilizar o professorado e fazer com que ele se engaje no movimento", afirma Sadi.

Para o professor CLoramoro, do Colégio Ciman, o encontro foi importante do ponto de vista do debate, mas as sugestões ficarão no ar, já que "nós não temos para quem entregá-las. Com a agitação atual da mudança de governo, é muito pouco provável que alguém pare, pense e avalie as nossas propostas".

FALHAS

Segundo Sadi dal Rosso, foram dois os principais problemas do I Encontro de Professores do DF. Em primeiro lugar, não houve definição de qualquer proposta básica, uma vez que o Encontro não tinha caráter deliberativo. A outra falha teria sido o curto espaço de tempo, o que não permitiu analisar com mais cuidado todas as questões levantadas.

Agora as propostas serão encaminhadas à Secretaria de Educação do DF e ao MEC, mas, segundo Sadi, apenas para torná-las conhecidas por estes órgãos.

"Nada cai do céu, não se pode esperar que o governo mude, agora, a legislação. Tudo depende da nossa capacidade de união e de definição de posição concretas", conclui o Vice-presidente da ADUnB. (Cátia Abreu)



Por entre os blocos das superquadras, o vôlei encontra cada vez mais o seu espaço

Voleibol: antes de tudo um hobby no DF

O voleibol tomou conta de Brasília. As peladas de vôlei são jogadas em qualquer lugar. Num campo de futebol, num gramado das superquadras, numa rua das cidades Satélites e, até mesmo, em estacionamentos vazios. Arma-se a rede, e o que não falta é atleta. Todos os dias, religiosamente no mesmo horário, lá estão eles, de short ou calça jeans, de todas as raças, crenças, sexos e idades. E, em alguns casos, até a bola é improvisada.

Todas as tardes, na SQS 408, uma rede feita de retalhos, pelos próprios atletas atletas, é responsável pela alegria e entretenimento de inúmeros moradores. As cenas são praticamente as mesmas em todo o Distrito Federal, apenas os cenários se modificam: tanto pode ser o Setor "P" Norte, o centro de Ceilândia, o Gama, uma escola de 1º e 2º graus do Plano Piloto ou, ainda, uma mansão do Lago Sul.

Aqueles que trabalham durante o dia formam suas equipes e Alugam uma quadra de esportes para depois de expediente. O centro Le Corbusier, no Lago Sul, aluga sua quadra por Cr\$ 15 mil a hora e, segundo o encarregado dos aluguéis, há mais interessados de que vagas. Só para se ter uma idéia da demanda, ao fim do mês de outubro todas as horas de novembro já haviam sido alugadas. E depois do voleibol "tem sempre uma cervejinha no Gilberto Salomão", afirma o funcionário do Le Corbusier.

TELEVISÃO

Quem tem quadra em casa também usa o vôlei como pretexto para uma cervejinha bem gelada. O casal Apolônio e Lisabeth Sales, residentes na QL 22 do Lago Sul, reúne sempre os amigos para uma "peladinha". Segundo Lisabeth, o grupo já jogava antes de surgir essa "onda de voleibol", mas "a televisão incentivava muito as pessoas a jogarem, uma vez que a seleção brasileira está muito boa". Destes encontros de fim-de-semana surgiu o Pinga Volei, que possui, inclusive, uniforme adequado à prática do voleibol e desafia equipes de gênese semelhante, existentes no Plano Piloto.

Vários observadores têm atribuído a população de vôlei à excelente safra de jogadores brasileiros. Safra esta que nos fez vice-campeões mundiais, campeões Pan-americanos e medalhas de prata nas Olimpíadas de Los Angeles. O professor Leduc Fauth, coordenador do "Esporte para todos", do DEFER, e organizador de recreações esportivas no D.F., atribui a fase áurea de nosso vôlei ao trabalho do presidente da Confederação Brasileira, Carlos Artur Nuzman que, segundo ele, "foi quem promoveu, incentivou e divulgou o voleibol no Brasil".

Este esporte vem crescendo assustadoramente desde 1980. O professor Leduc afirma que "as empresas, interessadas em se promover através do vôlei, acabaram promovendo, também o esporte". Por outro lado, a TV

influenciou bastante este crescimento, criando heróis e fazendo ídolos como Montanaro William, Bernard, Xandó e outros. Segundo o professor do DEFER, este enaltecimento dos nossos jogadores é muito benéfico e estimula quem está começando, pois "as crianças seguem o modelo da televisão".

TORNEIOS

Em Brasília, a televisão tem dado muita importância ao vôlei. Na TV Nacional o voleibol ocupa mais espaço que o futebol do DF., com reportagens diárias e respeito do campeonato brasileiro e outros eventos. O canal 3 chegou a realizar um "Peladão" de vôlei, a exemplo do que havia sido feito no futebol. Seguindo o mesmo caminho, a TV Globo realiza, desde o dia 3 de novembro, o Torneio Global de Vôlei, com a participação de 32 equipes formadas por grupos de amigos, colegas de trabalho ou moradores de uma mesma quadra, sem qualquer exigência de vínculo clubístico.

Jogar vôlei virou moda, não resta dúvidas. E que ganha com isso são as lojas de artigos esportivos. O preço da bola vai de Cr\$ 25 até Cr\$ 52 mil, enquanto a rede de volei custa entre Cr\$ 20 e Cr\$ 45 mil, de acordo com a marca. Agora, quem tem retalhos em casa e alguma criatividade pode fazer como os garotos da 408 Sul: dar um jeitinho brasileiro. Décio Rodrigues, Ana Cristina Marques e Carmem Kozak).

Duda Bentes-Cortesla Agil



A violência das ruas e a repressão policial são um cotidiano que os jornais exprimem

A malícia na linguagem

A reportagem policial, ao contrário do que muitos pensam, não é feita apenas de sensacionalismo. Trata-se de um trabalho sério e difícil em que o repórter mostra constantemente a sua coragem e o seu interesse pelo que faz.

Esta dificuldade, porém, não surge do relacionamento entre repórteres e policiais, mas sim, por haver, em determinados momentos, a omissão de alguns fatos por parte dos delegados.

Segundo o Chefe da Coordenação de Polícia Especializada, Ary Sardela, o jornalismo policial é fundamental no trabalho praticado pela polícia. Sardela adianta que todos os repórteres têm acesso às delegacias da Coordenação — DRF (Delegacia de Roubo e Furtos); DM (Delegacia de Menores); DFV (Delegacia de Furtos de Veículos) — e por isso, podem obter todas as informações desejadas. Ele ainda afirma que dificilmente tem problemas com os repórteres, mas às vezes ocorrem certos incidentes que acabam por atrapalhar todo o trabalho da polícia. "Hoje mesmo, um repórter policial do CORREIO BRAZILIENSE, na tentativa de conseguir um furo de reportagem, se antecipou ao nosso trabalho e atrapalhou as investiga-

ções, provocando com isso a fuga dos bandidos".

Na opinião de Walter Lima, repórter policial do Jornal de Brasília e da Rádio Alvorada, o jornalista precisa estar sempre bem informado e, justamente por isso, é necessário que haja um relacionamento sadio entre a imprensa, a comunidade, os advogados e principalmente a polícia. Este tipo de jornalismo é muito difícil de ser feito, pois o repórter não pode perder a credibilidade.

Para isso é necessário que ele faça um trabalho sério e real. "Eu por exemplo não uso gírias, pois na minha opinião a gente precisa ter responsabilidade com o público e de certa forma este tipo de linguagem nos iguala aos marginais. Eu acredito que a reportagem sensacionalista é um modo de se fazer jornalismo, o público é que deve escolher".

Já para Roberto Cavalcanti, repórter policial da TV Brasília (Programa Brasília Urgente), o emprego desta linguagem é fundamental para se fazer uma boa reportagem, pois o "marginal" fica mais à vontade para falar. Isso ficou claro numa reportagem feita pelo Jornal Campus, juntamente com a equipe da TV Brasília, onde o repórter teve que usar de toda sua experiência pa-

ra obter a informação que desejava. O conhecido estelionatário Wilton Rodrigues, acusado de falsificar certidões de casamento, confessa todo o crime antes da entrevista e diante das câmaras dá a seguinte declaração:

Cavalcanti — Wilton, por que você foi preso?

Wilton — Sinceramente eu não sei, já que anda trabalhando honestamente.

Cavalcanti — Quer dizer que você não fez nada para estar preso?

Wilton — Não. E se alguém disser que eu fiz, é mentira.

Cavalcanti — Você é casado?

Wilton — Não.

Cavalcanti — Se você não é casado como é que você explica esta certidão de casamento em seu nome?

Esta é a hora em que o repórter consegue deixar o bandido sem saída e ele acaba confessando tudo o que fez. Realmente é necessário muito jogo de cintura, quando se trata de reportagem policial. O repórter tem que obter a entrevista sem assustar o entrevistado. Mas não é apenas necessário ter jogo de cintura: o jornalista policial precisa, acima de tudo, de muita coragem e interesse pelo fato jornalístico, pela notícia.

Defendida por uns, atacada por muitos, o que é realmente a reportagem policial? Estigmatizada pelos moradores das cidades satélites que vêem na cobertura policial um desabono às suas comunidades e não reconhecem nos tipos ali representados o habitante médio de sua cidade. Defendida por aqueles que acreditam no seu poder de denúncia, ou por aqueles que, não poucos, satisfazem seu sadismo particular com o sangue derramado das páginas dos jor-

nais. Criticada e elogiada, tanto pela polícia como pelos ladrões, a reportagem policial trafega por um espaço bastante nítido e, ao mesmo tempo, pouco conhecido da sociedade brasileira. A nossa reportagem, durante uma semana, acompanhou alguns repórteres policiais da cidade, freqüentou delegacias, acompanhou batidas policiais, entrevistou teóricos e marginais, com o objetivo de demonstrar aos leitores um pouco desse universo.

Reportagem de

Luiz Cláudio Machado Alves e Rodrigo Mesquita

Realidade estereotipada

A violência está nas ruas, ou será que não a achamos no próprio texto da reportagem policial? Para a professora Maria Angélica Madeira, do Departamento de Comunicação da UnB, Doutora pela Universidade de Paris VII, o jornalismo é uma prática discursiva. Uma das muitas que contêm a teia linguística de uma sociedade. Por isso mesmo tende a reproduzir e disseminar aquilo que se produz fora do domínio linguístico.

O próprio modo de "fazer" a reportagem, assim como o tratamento dado às personagens já implica, na opinião de Angélica, em visões estereotipadas da realidade. "A estrutura da reportagem varia de acordo com a ênfase a um dos elementos implicados: o marginal (assassino, assaltante, traficante, tarado sexual) pratica o crime. O outro, o assaltado, o morto, o nordestino ou, quando mulher, é a rendida por um homem ou interceptada por um negro. O terceiro termo desta estrutura é a polícia. Como nas histórias em quadrinhos, é tratada como uma instituição respeitável, personalizada através de seus representantes da ordem".

Mas é do lado da vítima que a violência se manifesta com maior transparência. Sua vida íntima é devassada, seu espólio é relatado. Sua bolsa se abre e dali

saem os objetos: máquina fotográfica, pulseiras, relógios, óculos, documentos, dinheiro, etc. A vítima de um assalto é triplamente violentada, no momento do assalto, no momento de ir dar queixa à polícia e quando vai ser entrevistada pelo jornalista.

A reportagem policial, entretanto, não se movimenta apenas no terreno do "retrato da realidade". Segundo a professora Angélica, a violência que antecede a reportagem policial é de um tipo que se pode espalhar e que deve mesmo passar pelos meios de comunicação de massa por que tem rendimento, tanto na economia psíquica de uma classe social quanto na vendagem do jornal.

E nesse contexto altamente ficcionalizado — o da página do jornal —, que, segundo Angélica, os participantes dos fatos se tornam personagens de um núcleo narrativo condensado, que pouco varia em sua estrutura de base e em seus conteúdos ideológicos mais explícitos.

Tudo isso, para Angélica, faz parte de um projeto que, sob o pretexto de informar sobre perigos ou até mesmo de denunciar, representa uma faixa da sociedade brasileira de forma reificada e estereotipada, representando também padrões comportamentais que são verdades clichês de ideologias pré-estabelecidas.

O repórter na rota do crime

No dia 19 de outubro, a reportagem do Campus acompanhou cinco policiais da Delegacia de Roubo e Furtos numa batida, comandada pelo delegado Leonato Vasconcelos, a uma chácara localizada na região do ABC — próxima ao Posto do Ipê — onde possíveis assaltantes de carros roubados estavam se escondendo.

Chegamos ao local na tentativa de encontrar os carros roubados ou mesmo algumas peças. A casa estava fechada e no portão havia um forte ca-

deado. O clima causava medo em qualquer pessoa, principalmente quando os agentes perceberam que havia fumaça no quintal. Rapidamente a polícia invadiu a casa e em questão de segundos descobriu que o fogo vinha da casa do vizinho. Passado o susto — o meu é claro — nós entramos na casa e passamos a procurar alguma pista concreta. Não havia muita coisa, apenas panelas, comida, roupas, bebidas e etc. Mas, os policiais não se rendem fácil. Num horta caseira, que mais parecia um meio barato dos

moradores se alimentarem, começam suas investigações. Ao cavarem o terreno, as peças dos carros roubados foram aparecendo: tampa de Brasília, motor de fusca, chassis e etc. O trabalho é muito cansativo, pois até mesmo um parafuso pode servir de estudo para alguma pista. Recolhido todo o material, o trabalho irá recomendar na delegacia, pois, segundo o delegado Sardela, as investigações devem prosseguir imediatamente, já que não se pode perder tempo neste tipo de trabalho.

"Baú, cana e arame"

"Fui fazer uma janela no baú, o cana veio com um trabuco e mi ganhou. Agora tô no arame". Esta história foi ouvida pela nossa reportagem quando acompanhava uma ronda do repórter Roberto Cavalcanti. Este é um exemplo do peculiar jargão utilizado no universo da marginalidade da reportagem policial. Abaixo um pequeno glossário dos termos mais utilizados:

Policial — cana; Revólver —

Trabuco, Cano, Máquina; Vítima — Prego, Otário; Vagabundo — Mala (elemento perigoso); Batedor de Carteira — Furqueta, Tarrafa; Bicicleta — Camelo; Relógio — Bobo; Casa — Cachanga; Casa de Jogo — Cafua; Cadeira — Arame, Mofa; T.V. — Espelho; Rádio — Papagaio; Faca — Viana; Onibus — Baú; Esconder — Agá; Assalto — Ganho; Trabalho — Trampo; Corda — Teresa.

BRASÍLIA DESENVOLVE TECNOLOGIA HOSPITALAR E DE REABILITAÇÃO

Pesquisa a serviço da comunidade

Em fins do ano passado, João Baptista Vieira e Marcelo de Castro, estudantes de Engenharia Elétrica da UnB, tiveram sua atenção atraída por um cartaz afixado no Departamento, que convocava alunos para participar no desenvolvimento do projeto de uma cadeira de rodas motorizada. Quem propunha o projeto era o Equiphos- Centro de Tecnologia Hospitalar e de Engenharia de Reabilitação — o Centro de pesquisa, criação e produção dos equipamentos utilizados no Hospital de Doenças do Aparelho Locomotor Sarah Kubitschek (HDAL).

João Baptista e Marcelo desenvolveram o projeto a nível de assessoria e vão apresentá-lo no final do ano como tese de diplomação. O protótipo ficou pronto em um mês e o Equiphos já está iniciando a fabricação em série com cinco unidades. A cadeira é movida à bateria, com dois motores e tem autonomia de duas horas ou 15 quilômetros, possuindo um comando de direcionamento que permite mobilização total, girando inclusive em torno de seu próprio eixo. É ideal para pacientes tetraplégicos — sem mobilidade nos quatro membros — e custa, hoje, Cr\$ 2 milhões.

PROGRAMA

Criar um hospital para a região geoeconômica de Brasília, um centro formador de recursos humanos e de pesquisa e produção

de tecnologia foram os objetivos alcançados com a inauguração do Hospital Sarah Kubitschek, em setembro de 1980.

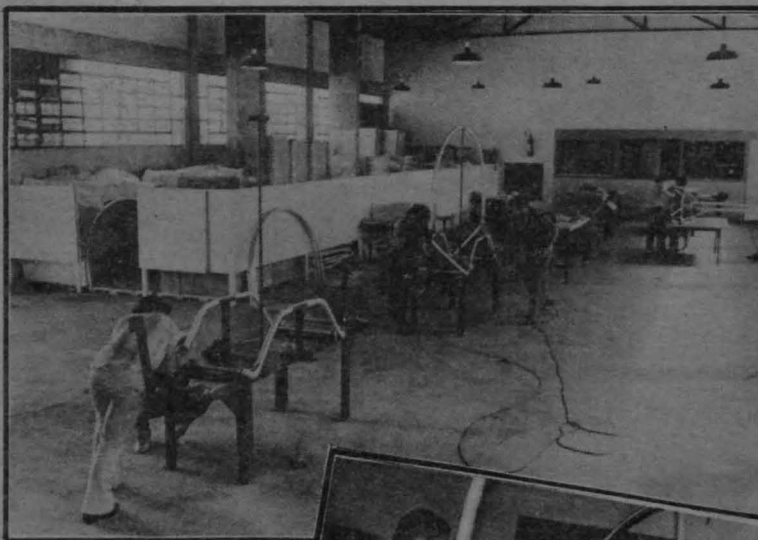
Fruto de um projeto aprovado em 1976, o Sarah desenvolveu um modelo de hospital preocupado com a problemática nacional de saúde e adotou uma política médica própria, pela qual os médicos e enfermeiros trabalham período integral, proporcionando a melhor assistência possível ao paciente.

O Equiphos faz parte da Fundação Pioneiras Sociais e foi construído junto com o Sarah para atendê-lo nas necessidades de equipamento básico, adequado à nova "linhagem" a que se propunha o Hospital. Pouca gente conhece a filosofia e o trabalho deste Centro de Tecnologia do Sarah, único do Brasil e, talvez, da América Latina, com infra-estrutura e recursos humanos especializados e exclusivamente dedicado ao setor médico-hospitalar.

O objetivo é produzir, através de técnicas e material simplificado, equipamentos de custo operacional compatível com a realidade nacional e a escassez de recursos, já que um dos maiores problemas da prática médica é a dependência tecnológica e o alto custo das importações.

OS PROJETOS

No Equiphos trabalham 96 pessoas, entre desenhistas industriais, arquitetos e médicos. Jun-



Funcionando em apoio ao Hospital Sarah Kubitschek, o Equiphos é um centro de pesquisa de notável qualidade médica



to ao Hospital Sarah Kubitschek funcionam a oficina de protótipos, onde são desenvolvidos os primeiros equipamentos; a oficina ortopédica, que inclui sapataria e modelagem; a Seção de Programação Visual, onde são feitas placas de sinalização, folhetos e todo o design do Hospital; e a Seção de Desenho de Projetos. No Setor de Indústria está montada a fábrica, onde os equipamentos que obtiveram sucesso e demanda serão produzidos em escala industrial.

Para se ter uma idéia do trabalho desenvolvido, o Equiphos

cria, planeja e produz o equipamento de cada enfermaria, todo o mobiliário, inclusive camas para acompanhantes e portas, as unidades móveis de apoio, como carrinhos para curativos, refeição, etc, substituindo em quase 50% a compra do material utilizado no Hospital.

Mas o principal trabalho é a produção de aparelhos ortopédicos. Desde a sua criação, o Equiphos já desenvolveu dezenas de projetos, como muletas especiais, coletes, próteses e órteses — a primeira substitui o membro, a segunda auxilia na movi-

mentação deste — cadeiras de rodas, carrinhos para crianças deficientes, andadores e inúmeros outros aparelhos, sempre seguindo os padrões ergonômicos, isto é, as medidas do corpo do brasileiro. Atualmente, estão sendo desenvolvidos 20 novos projetos.

O Centro fabrica, também, diversos instrumentos cirúrgicos e material para implante, comumente importados. A economia chega a mais de 90%, como no caso de uma caixa de instrumental cirúrgico: importada, custa Cr\$ 50 milhões, produzida pelo Equiphos, sai por Cr\$ 4 milhões.

Para alguns aparelhos, o Equiphos passou somente a comprar matéria-prima e fabricar suas próprias peças, em vez de comprá-las no mercado e apenas fazer a montagem.

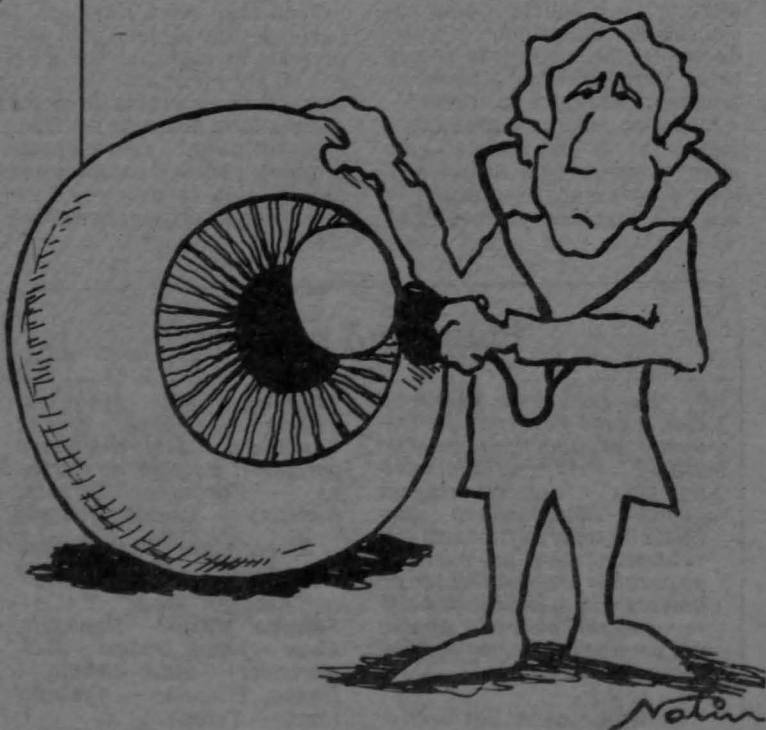
CAMA-MACA

Mas o primeiro e principal projeto foi a famosa cama-maca que, já em 1979, contava com 300 unidades produzidas. O sucesso é tão grande, que diversos hospitais a solicitam, tendo sido uma já vendida aos Estados Unidos. Quando o Presidente Figueiredo esteve na África, alguns países se interessaram em comprá-la.

É uma cama leve que permite o deslocamento autônomo do paciente sem perigo de contágios, pois este não utiliza outro meio de transporte. Um arco balcânico atravessa por cima as extremidades e serve para fixar trações, soros e instrumentos de apoio para a terapêutica e lazer do paciente.

Foi a cama utilizada pelo vice-presidente Aureliano Chaves, quando ficou internado no Sarah por ter quebrado o fêmur. Todos puderam assisti-lo entrevistas na cama-maca, da varanda do Hospital e até mesmo de sua casa. (Ana Cristina Sampalo Alves)

No lugar de exames de laboratório, radiografias e toda a parafernália da medicina alopática, a Iridologia usa apenas a análise de Iris para fazer o diagnóstico do paciente. Depois, a cura vem pela alimentação natural.



Iridologia: uma nova opção de cura através dos olhos

"A Iridologia é a ciência e a prática da análise do estado de saúde do indivíduo através das alterações topográficas e estruturais da iris". Assim Gurudev Singh Kalsa iridólogo naturopata há doze anos e há três, em Brasília, com uma clínica no Lago Sul, define este método de diagnosticar doenças através da iris, considerada um verdadeiro mapa dos componentes anatômicos do corpo e do cérebro.

As antigas civilizações do Egito, China e Índia já conheciam este processo e foram os primeiros a formular uma mapa da iris, atribuindo a cada região uma correspondência com partes do corpo humano. O introdutor e o maior responsável pelo desenvolvimento desta ciência no Ocidente foi Ignatz von Peczlew, no século XIX. Já existem faculdades especializadas em Iridologia nos Estados Unidos e na Europa, onde a ciência se desenvolveu mais depressa devido à coloração clara dos olhos de sua população. Segundo Gurudev, a Argentina possui uma Faculdade, fechada pela repressão militar.

O DIAGNÓSTICO

O processo é feito através do iridoscópio, o mesmo aparelho utilizado para o exame de fundo de olho, que fotografa em "slides" a iris. O diagnóstico é elaborado através do estudo das "trabéculas", as fibras que compõem a iris. As pigmentações e descolorações encontradas revelam se há alguma disfunção física ou mental.

Gurudev afirma que grande parte das pessoas que o procuram possuem problemas gastro-intestinais. Um de seus maiores êxitos foi a cura de um câncer em estado inicial. Maria Angélica Madeira, professora da pós-graduação do Departamento de Comunicação, diz que procurou a Iridologia devido ao "desencantamento com a medicina alopática" que, segundo ela está falida e já não se sensibiliza mais com as agressões ao corpo humano.

TRATAMENTO

"O homem é aquilo que come".

Na clínica de Gurudev, o tratamento básico é a nutrição. Ele afirma que em 90 por cento dos casos, é necessária uma desintoxicação geral do organismo antes de qualquer prescrição, o que é feito através do jejum, adequado a cada paciente: se de chá, água, sucos verdes ou de frutas.

Logo após, é feito um levantamento das necessidades gerais e específicas para conseguir o equilíbrio do organismo, a cura e prevenção das disfunções ou doenças. Gurudev utiliza a alimentação natural, massagens, sauna e exercícios.

As dificuldades deste processo terapêutico são as mudanças de hábitos alimentares e da própria vida do paciente, o que leva muitos a abandoná-lo. Autoridades como o Mistro do Trabalho, Murilo Macedo, o Senador Jarbas Passarinho e o Senador Marcos Freire são alguns dos que já procuraram a clínica de Gurudev.

(Ana Sampalo e Rosane Carneiro)

Sexo e doenças, muita ignorância e preconceito

Através de pesquisa feita em São Paulo, constatou-se que o balconista de farmácia conhece mais a respeito de doença sexualmente transmissível do que o médico. Isso acontece devido ao grande preconceito que até hoje se tem em relação a estas infecções, levando o paciente a evitar os hospitais na tentativa de esconder a doença.

O tabu que existe em torno das doenças sexuais foi um dos temas debatidos no I Encontro Nacional sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), realizado em Brasília, onde 242 participantes de vários Estados confirmaram a importância de se começar a debater esse assunto.

Organizado pela União Brasileira Contra as Doenças Venéreas - Regional do Distrito Federal, o encontro teve como objetivo incentivar o entrosamento entre os profissionais da área e promover o intercâmbio de conhecimentos, opiniões e experiências. Na opinião de Hugo Fernandes, sanitarista do Centro de Saúde nº 1 de Sobradinho, "o encontro foi importante na medida em que estava havendo um certo descaso tanto da saúde pública, quanto da comunidade científica em relação a esse tema".

BRASIL

As estimativas mostram que as DST estão aumentando



do no Brasil. Os dados levantados a partir do consumo de medicamentos durante 1984 indicam que foram registrados mais de 1,5 milhão de casos de gonorréia, 2 milhões de uretrite gonocócica e 150 mil novos casos de sífilis. Embora os números sejam altos, não existe no País uma política de controle dessas doenças, exceto no Rio Grande do Sul e no Distrito Federal, onde já se têm programas de atendimento.

A atividade de assistência e tratamento das doenças sexuais no Distrito Federal começou há três anos por iniciativa do Dr. Luiz Daniel, vice-presidente da União Brasilei-

ra Contra Doenças Venéreas e médico da Fundação Hospitalar. Atualmente no DF, existem 27 centros de saúde capacitados a atender pacientes com DST, oferecendo diagnósticos e medicamento gratuitos. Mas isso não significa que as DST estão controladas, pois a desinformação da população é um grande obstáculo ao tratamento dessas doenças.

PRECONCEITO

Uma infecção como outra qualquer, a doença sexual continua a ser taxada como "vergonhosa", especialmente pelo fato de estar relacionada a um tabu: sexo. As pessoas preferem procurar as farmácias e não as clínicas, evitando o exame médico e relutando a se exporem, através de fichas hospitalares. Quando recorrem a hospitais, um terço dos pacientes interrompem o tratamento depois da primeira consulta.

Na verdade, o preconceito e a desinformação existem também dentro da própria classe médica. Mesmo na universidade, os estudantes de medicina têm uma experiência quase nula neste campo, esticando apenas os casos raros que dificilmente aparecem no dia-a-dia dos hospitais.

Segundo Walter Belda, presidente da União Latino-Americana contra DST, a solução para todos esses problemas "está na participação ativa da comunidade científica na escolha do Ministro e seus assessores. Isso não tira a responsabilidade dos cientistas, já que cabe a eles encontrar soluções para o Ministério aplicá-las". (Dinalva Ferreira e Ana Cristina Braz)

Brasiliense faz da Torre de TV a sua "Ipanema"

"A Torre é a praia de Brasília". Assim definiu uma das milhares de pessoas que, aos fins de semana, se concentram ao longo da passarela que liga a Torre de TV à Plataforma Rodoviária. A frase ilustra bem o resultado de uma enquête realizada pelo Professor Frederico Holanda, do Departamento de Urbanismo da UnB, sobre as razões que levam as pessoas a frequentarem o local. A feira de artesanato ficou empatada com o "encontro pelo encontro", ambas as razões com 34,9% das respostas. "O Parque da Torre constituiu-se para muitos, surpreendentemente, um ponto de lazer indispensável", afirma Frederico Holanda.

O Parque da Torre é uma das áreas estudadas pelo professor da UnB em seu trabalho *A Morfologia Interna da Capital*, capítulo de um livro interdisciplinar sobre Brasília, a ser lançado em 1985. Neste trabalho, Frederico Holanda detém-se no estudo das relações entre o urbanismo e os modos de apropriação do espaço, tendo como referência básica a estrutura urbana de Brasília.

Para o professor Holanda, o urbanismo de um assentamento tem, por si só, um certo desempenho quanto ao estar e ao ir e vir da população relativo aos lugares da cidade. "A arquitetura e o urbanismo obviamente não comandam a vontade de ninguém, mas tampouco os processos sociais são indiferentes às morfologias e categorizações onde acontecem".

Segundo Frederico Holanda, a morfologia interna de Brasília contribui para a materialização de um modo de estruturação social que inclui o esvaziamento dos espaços abertos de uso coletivo. O processo pelo qual os assentamentos urbanos passaram a ser "Planificados" redundaram, segundo o professor, numa dupla tendência: a separação física de práticas sociais distintas, tradicionalmente superpostas nos mesmos lugares, e a progressiva interiorização dessas práticas no espaço fechado dos edifícios. Brasília pôde ter esta tendência maximizada, pois, a rigor, tem um espaço totalmente planificado: "A intenção de tudo prever raramente atingiu tal dimensão na História".

Desta forma, a apropriação do

Parque da Torre é especialmente singular. Se nos dias úteis há apenas um pequeno fluxo de pedestres, nos fins de semana uma grande concentração de pessoas se estende linearmente ao longo do Parque, entre a Rodoviária e a Torre de TV. Neste aspecto, o Parque da Torre constitui uma exceção, pois a ocupação dos espaços públicos em Brasília é extremamente rarefeita (a Esplanada dos Ministérios, por exemplo, ou mesmo o interior das superquadras).

Segundo o professor Holanda, a apropriação de um lugar tem uma dinâmica própria que modifica suas motivações ao longo do tempo. A motivação inicial para a frequência à Torre, a feira do artesanato, atraiu serviços de alimentação e a concentração se tornou tal que acabou por gerar mais frequência: o encontro pelo encontro, a paquera (principalmente para as classes de renda mais baixa). "Impressiona como, para quase metade dos entrevistados (44,3%), o Parque da Torre é o único espaço público por eles frequentando". Indagados sobre possíveis melhorias no Parque da Torre, a maioria dos frequentadores (35,8%) respondeu: "nada", "está ótimo assim". Entretanto, uma parcela considerável (21,7%) se referiram a outros usos como bares, música, parque de diversões, o que se explica, afirma o professor Holanda, pela visão do lugar primordialmente como ponto de encontro e lazer.

RE-INVENÇÃO

"O interesse fundamental desse lugar e sua apropriação é a lição de re-invenção espacial que ele contém". Para o professor Frederico Holanda, o local que ele chama de "Parque da Torre", mas que oficialmente se chama "Esplanada" - denominação própria a um lugar para fins puramente contemplativos -, transformou-se num cenário para uma concentração densa e festiva. "A atual apropriação do Parque da Torre reinventa a cidade, de maneira extremamente informal e socialmente descentralizada". Mas isso acontece sob ameaça constante de transferência do evento para um local mais "adequado", hipótese que vem sendo, nos últimos dois anos, levantada pelo Governo. (Cláudio Brandt e Mário Araújo)

Fotos de Kátia Turra

AIDs, problema que começa a preocupar

Em São Paulo, durante os primeiros 12 dias de outubro, foram confirmados 18 novos casos de AIDs, que integram um quadro de 100 casos detectados em seis anos, apenas na capital paulista. Isso vem preocupando Paulo Teixeira, diretor da Divisão de Dermatologia Sanitária da Secretaria de Saúde de São Paulo, que afirmou durante o Encontro sobre DST que "a AIDs vai se tornar um grave problema no Brasil, maior do que muita gente espera".

Enquanto nos Estados Unidos o número de casos duplica a cada seis meses, no Brasil a situação é muito mais séria, já que a pro-

gressão de casos evolui mais rapidamente. Em princípio a AIDs era registrada basicamente em pessoas de maior poder aquisitivo, mas "com o tempo a doença se democratizou", completou Paulo Teixeira.

Apesar de todo o trabalho da Secretaria de Saúde, as principais perguntas ainda não foram respondidas. Não se sabe se o vírus isolado na França e nos EUA é realmente o causador da doença, assim como existem dúvidas a respeito das razões pelas quais a AIDs atinge predominantemente homossexuais masculinos. (Ana Cristina Braz e Dinalva Ferreira).



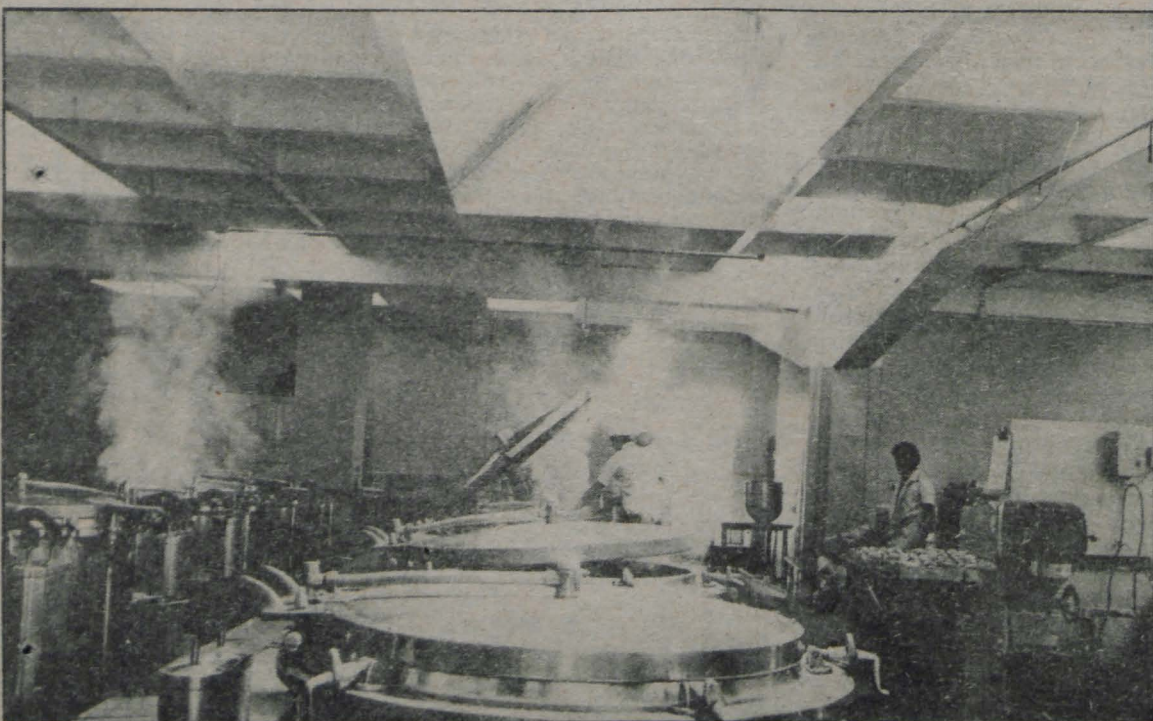
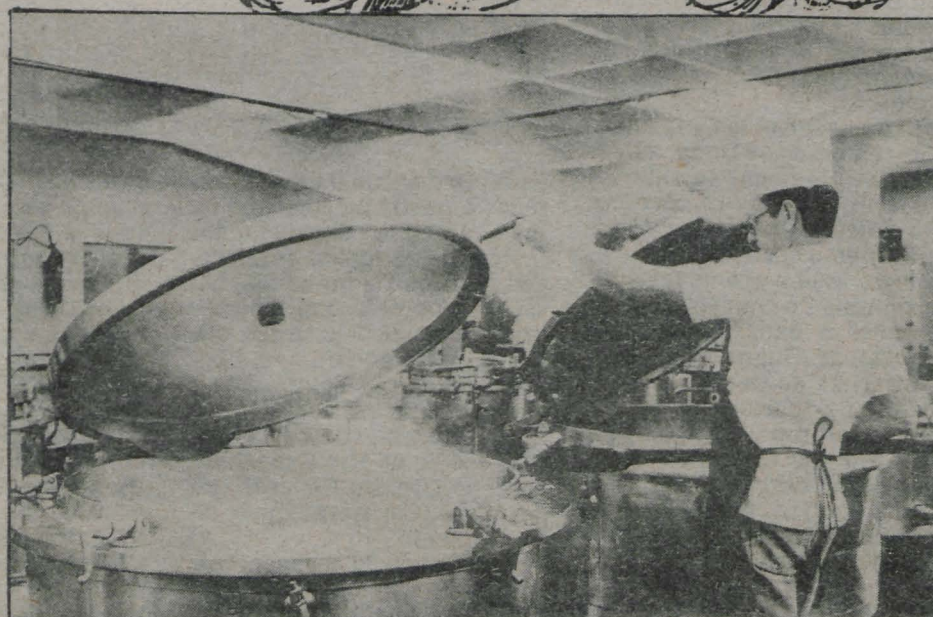
A Torre de TV é, para muitos, um ponto de lazer indispensável



O Bandeirão nosso de cada dia

Texto de Josué Benitz
Fotos de Kátia Turra

*Trabalhar os alimentos:
difícil conciliação entre
assumir a monotonia
sem deixar de viver
seus próprios sonhos de liberdade*



O centro de tudo na UnB? Para uns pode ser, para outros não. Mas chegando ali pelas onze e meia, quinze para o meio-dia, a força da fome é maior que a da gravidade. Para quem precisa, é hora de esquecer todo Marx, todo Maluf, todo Jung, todo Pitágoras e Escu-

lápio e encarar um bandeirão. O Bandeirão. E depois que o arroz e o feijão descerem quentinhos pela goela abaixo e se aninharem onde devem, aí sim dá para pensar de novo naquela discussão braba no CA, naquela aula de hoje à tarde, no trabalho da semana que vem... (William Santiago).

